

JORNAL DE 2^a FEIRA

JUNDIAÍ, 4 A 10 DE AGOSTO DE 1975 — N.º 5

PROMOÇÃO

CAMPANHA DE ASSINATURAS

PROCURE-NOS

Rua Senador Fonseca, 1044

Telefone: 4-2759



**o menor e as raízes do problema,
na página 6; sandro escala o seu
time, na 5; inps & mercado, na 12**



As espionagens do sr. Salari (via telex)

Talvez você não se lembre de Zabúndi, talvez você nem saiba da existência de Zabúndi.

Zabúndi é aquela pequena nação africana que apareceu pela primeira vez no noticiário internacional, há uns oito anos, quando se tornou independente.

A notícia, sumariíssima, com a foto do carrancado presidente, tinha muito pouca coisa de original. Falava do movimento dos jovens tecnocratas (em sua maioria formados nas universidades inglesas), os chamados "zabundianists", que, descontentes com as fórmulas tradicionais de governo do país, resolveram virar a mesa. Descrevia, em poucas linhas, o movimento revolucionário: os entendimentos com os militares do principal quartel, a tomada da emissora local, a transmissão do ultimatum, a convocação das forças vivas zabundianas e, finalmente, a chegada triunfal à sede do governo, sob aclamação popular. Terminava falando do paradeiro ignorado dos antigos governantes, do ignorado número de vítimas e do ignorado rumo que tomaria a jovem nação, levada pelo pouco definido "tecnocracismo" dos zabundianistas.

A única tônica original da notícia era a parte referente à formação do novo governo: ao lado das comunicações comuns (Defesa, Economia, Planejamento, Agricultura), havia um insólito Ministério da Simploriedade. E nenhuma explicação sobre ele.

Como, de resto, nunca mais se falou em Zabúndi e seus dirigentes.

Agora, passados 8 anos, Zabúndi volta ao noticiário. Tragicamente, apesar do pequeno destaque da nota da UPI que dizia, no título: "Revolução condena ministro à morte".

Ministro da Defesa? Da Economia? Do Planejamento? Nada! O condenado não era outro senão o ministro da Simploriedade, sr. Salari Omin Himoh, de quem a notícia, de novo, pouco falava. "Decapitado em praça pública, como exemplo para o povo", era só o que estava escrito.

A natural fome de notícia que caracteriza este hebdomadário fez com que resolvêssemos mandar nossa reportagem à Zabúndi (715.000 km, com escalas em Natal, Marakesh, Bengladesh, Zâmbia, El Farthum; volta via Mônaco, Paris, Roma, Madri, Disneylândia, Caracas, Rio de Janeiro), para a cobertura mais detalhada do fato.

Acabamos de receber o primeiro telex do nosso enviado. Vem com o endereço de Mônaco e começa assim: "Mandem dinheiro pt". A seguir, 319 palavras, a maioria cifrada, cuja tradução livre segue abaixo:

"Fortes razões de Estado levaram os tecnocratas a decidirem-se pela cabeça do sr. Salari. As questões frequentemente levantadas por ele nas reuniões dos Ministérios levaram a cúpula do governo zabundiano a suspeita que se tratava de um caso de alta espionagem, e que o ministro Salari estava a soldo de potências estrangeiras.

Na reunião do dia 13 de fevereiro passado, o sr. Salari interpelou o ministro de Obras nos seguintes termos: "Por que luzes de mercúrio na picada que liga o Capão da Onça à Toca do Tatu, quando nosso povo não tem nem vela pra acender no Dia Nacional do Feitiço, comemorado às escuras na Encruzilhada Cheetah?" O pau quase quebrou nessa reunião, só não acontecendo devido à intervenção do ministro da Justiça, que decretou a prisão imediata do sr. Salari.

Cumprida a pena, serenados os ânimos, voltou o sr. Salari a questionar, desta vez o ministro da Fazenda: "Excelência, cobrar taxas sobre as pintas das peles de leopardos caçados, vá lá. Mas estender o tributo às pintas de sarampo e catapora das crianças, será justo?" Novo quiproçó, deixa disso, sai pra lá palhaço, e novamente o sr. Salari foi detido, desta vez em solitária, a pão e água. E teve que pagar as custas do processo, o pão e a água.

Finalmente, a situação ficou insustentável dia 10 pp., quando o incansável Salari, quase sem voz, ousou discordar da inauguração da "obra do século, marco histórico de Zabúndi", que o presidente queria atribuir à sua administração: a cachoeira de Zampala Khuan (Água Seca), em zabundês, "criada por Deus e bonita por natureza", segundo o ministro da simploriedade. Foram as últimas palavras de Salari Omin Himoh. Principalmente, porque o SIZ, Serviço de Informações de Zabúndi, descobriu que a frase pertencia a um rebelde estrangeiro, conhecido pelo codinome de Jorge Ben.

Com a morte de Salari o progresso estourou em Zabúndi. A cores, ao vivo".

Erazé Martinho

"Canto Chorado"

Vocês leram?

Eu li.

Papagaio!.....

Os cargos de relevância estão sendo ocupados pelos "giletetes"...

Pelos "sujos", que não têm posição definida, bandeando de lado a cada eleição, bajulando nos gabinetes e atacando às escondidas".

Foi o que descobriu e disse o "jubilado" na ronda da semana.

Esses são os "giletetes".

Mas, que mal te pergunta, quem são os "giletetes"?

Há que se distingui-los por ética e decôro, das brejeiras e irrequietas "sensitivas" que rebolam sorridentes aos olhos maliciosos da choferada da praça.

Não. Não são as "sensitivas".

É um outro tipo de "giletetes".

Os que tem cara de Jano; os que saltam de galho em galho como os tangarás; os que antes da eleição conjuravam do outro lado; os que bandeiam; os que bajulam no gabinete para não perderem o coxo.

Mas, onde encontrá-los?

Na sorrateira e vivida corte dos alienígenas?

Não. Não pode ser.

O "jubilado" não disse, mas há que se dizer por verdade e justiça.

Estes, nunca bandearam nem vão ter o ensejo de o fazer.

Nesse caso o bom senso manda que se busque os vira-viras nos capachos do gabinete.

Serão eles os tão cantados ingratos na linguagem sibilina de "Jubilado"?

Os que vão ser eliminados?

Se assim for, o cacique marca pontos.

Mais do que isso, cresce no conceito da rua.

Porque vamos e venhamos, cá entre nós ledor, é hora de acabar com os mamíferos por cima da pobre Petronilha.

As tetas da velha já ordenham sangue varejadas pelo fluxo voraz de tantos beijos sugantes.

Os "sujos" e os bajuladores de gabinete serão eliminados.

É o que antevê a bola de cristal do "jubilado".

Oxalá os fados hajam por bem concretizar seu vaticínio.

Eliminando os tais sujos,

"Seu" alcaide lavra um tento

Ao ver-se livre dos cujos.

Mostre que é um cabra direito,
Pra gáudio da papolândia:
Generalize esse feito.

Simão.

CARTAS

Sr.: "...as discutidas prioridades dadas aos investimentos do município não são responsabilidade exclusiva do Poder Executivo, entretanto nada se falou com relação ao Poder Legislativo (...)" José Moraes Netto.

Certa vez um aluno perguntou ao professor de Filosofia: "É justo que alguém pague pelo que não fez?" O professor respondeu que "é claro que não!". E o aluno: "Então como é que o senhor deu zero na prova que eu não fiz?". De certa forma, o leitor está nos condenando por alguma coisa que nós não dissemos. Ainda. Acontece, amigo, que nós também temos as nossas prioridades. Quanto ao Legislativo "fiscalizar os atos do Executivo", ouvimos dizer que isso acontece quase que regularmente nos Estados Unidos, na Inglaterra. Mas esses gringos vivem contando vantagens, como é que a gente pode botar fé neles?

Sr. O maior defeito de todos os jornais — de todos, inclusive "O Estadão" (desculpe, mal comparando, é claro) — é o de usarem umas letrinhas miúdas que não há quem as leia. Na sua última edição fui ler o meu artigo — eu sou igualzinho os outros; escrevo e vou correndo ler o que escrevi — e quisque não conseguiu. O senhor precisa compreender que a maioria dos alfabetizados usa óculos. A gente põe os óculos e fica es-

ticando e encoiando os braços até dá certo. Assim mesmo a gente para pra lê. No fim a gente nem sabe se sofre de vista curta ou de braço curto. Como dizem os médicos (gente pernóstica!), se é caso oftalmológico ou ortopédico. Uma prosa puxa outra, o senhor lembra — tempo mais lindo aquele! — quando se escrevia "orthopaedico"? Naquele tempo sim é que era difícil escrever. Hoje, pela nova ortografia é só escrever como se fala; é fácil, caê-quê um fáis. O Bartimeu.

Por princípio, este "J 2.a" é contra qualquer tipo de aumento (veja matéria sobre imposto, no nosso n.º 4). Tente o "Nordival", na rua Antenor Soares Ganjira. E que a bengala esteja convosco.

EXPEDIENTE

JORNAL DE

2.a-FEIRA

Propriedade da

Editora Japi Ltda.

Rua Senador

Fonseca, 1044

Redator-Chefe:

Celso Francisco de

Paula

Arte:

Celso Eduardo Pupo

Suzana Traidi de

Souza

Officinas impressoras:

Diários Associados —

Rua 7 de Abril, 230

São Paulo

Assinaturas:

Semestral: Cr\$ 70,00

Anual: Cr\$ 120,00

EDITORIAL

Volta às aulas

Abre-se-nos, finalmente, nesta semana, a perspectiva daquele diálogo que desde o lançamento deste hebdomadário queríamos ter com a classe estudantil e com o professorado, mas que se adiou em razão das férias escolares ontem vencidas.

Sob os habituais rumores do prolongamento das férias e confiantes em que se fizesse respeitar o princípio institucional de que as coisas sérias só começam às segundas-feiras — sejam reformas, regimes (para emagrecimento), etc. — é que alunos e professores reencontram-se para mais seis meses de atividade escolar.

Ante essa movimentação jovem que dá novo colorido à cidade, nesse burburinho dos compromissados apenas com a realidade presente e futura, que nos obriga ao raciocínio positivista, é que vimos nos por à disposição da classe estudantil e do professorado para difundir as suas iniciativas e como tribuna para suas reivindicações.

Nas salas dos professores, a expectativa de sentença decisória sobre mandado de segurança impetrado por cerca de 17 mil "precários" por certo defrontar-se-á com o desassossego gerado pelos comentários da última reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, segundo os quais o baixo nível dos cursos de pós-graduação existentes no Brasil é resultante da falta de mestres qualificados e que só a contratação de professores estrangeiros viria resolver o impasse. Os mais atentos por certo já terão notado que em suas classes do 2.º grau houve uma defecção de 15, 20 e até 50% dos alunos matriculados no início do ano. E lembrarão que de cada dez alunos que se matriculam no 2.º grau apenas 1 (ou fração) chegará ao ensino superior.

Oprimidos sob o peso da precariedade das condições oferecidas para o cumprimento de utópicos programas e planejamentos, muitos sentir-se-ão propensos a defender o professorado nacional. Imaginarão soluções. E como o período letivo é profícuo pelas condições de associação obrigatória que oferece, surgirão projetos, incentivos e realizações de fundo cultural.

Com relação às aspirações dos nossos estudantes, vemos que já existe razão para uma confiança maior em dias melhores, quando acabamos de assistir, na reunião de reitores de universidades realizadas em Macaé, a mais um revês da tentativa de se implantar a cobrança de anuidades nas escolas superiores da rede federal.

Não se resumirão, certamente, nesses tópicos, os assuntos que professores e estudantes se sentem motivados a discutir. Daí por que estamos abrindo o debate certos da participação de todos.

O asfalto dos bairros

Muito se tem discutido sobre o asfaltamento das ruas dos bairros. É assunto relevante, que merece a atenção de todos os jundiaenses.

Em primeiro lugar, há um ponto importante a considerar. Existe um plano em vigor, que permite aos moradores de uma rua ou de um quarteirão se reunirem e promoverem, por conta própria, a pavimentação dessa rua. Um plano de tal natureza é de grande interesse para toda a comunidade.

O desenvolvimento de Jundiaí, como aliás de quase todas as cidades brasileiras, tem sido explosivo e desordenado. Os bairros se formam e crescem rapidamente, desprovidos dos melhoramentos indispensáveis para o conforto dos habitantes e o poder público não tem condições de controlar, nem de corrigir essa evolução caótica. Daí a grande extensão de ruas de terra, sem guias, sarjetas ou calçamento.

Nada mais justo do que proporcionar aos moradores desses locais condições para que se juntem e, por decisão da maioria, executem os melhoramentos que lhes são tão necessários. Um plano nesse sentido é altamente louvável, merece apoio e elogios. Seria motivo de satisfação saber que foi criada, em nossa cidade, uma legislação própria para esse fim.

Com tristeza, porém, pode-se constatar que a aplicação de tal plano se fez da pior forma possível. Em lugar de atender aos interesses da comunidade, ele acabou se tornando insatisfatório para o povo. Os motivos têm sido amplamente divulgados:

— O asfaltamento só pode ser executado por uma firma dentro de um contrato que foi considerado altamente nocivo à cidade. O preço do asfal-

to é o dobro do que vem sendo observado em outros lugares.

— Os planos de financiamento foram calculados com juros extorsivos. Felizmente, houve reação contra isso e o financiamento passou a ser feito em condições normais, por um grande banco.

— É de se criticar também os aspectos coercitivos que vêm sendo apontados na arregimentação dos interessados.

É melancólico ver assim prejudicado o plano de melhoria das ruas da cidade. Tal situação tem que ser revista, para se garantir todo o alcance social e a significação comunitária desse projeto. Alguns pontos essenciais têm que ser observados, para esse fim:

— O processo de agremiação dos interessados deve ser espontâneo, sem qualquer ação coercitiva. Cabe ao poder público orientar e coordenar esse movimento e garantir a execução das obras, desde que aprovadas pela maioria dos interessados.

— A escolha da firma empreiteira deve ser livre, de competência dos interessados. A Prefeitura deve apenas especificar as obras, verificar a capacidade técnica do contratante e fiscalizar os serviços executados.

— O rateio dos custos entre os beneficiados deve ser melhor estudado, buscando-se critérios mais justos do que a simples divisão, de acordo com a metragem de frente das propriedades. Este critério prejudica os lotes de esquina, de frente muito grande. Como as benfeitorias acabam refletindo-se no valor do metro quadrado de terreno, a distribuição dos custos deveria levar em conta as áreas dos imóveis.

Com esses cuidados, e outros mais que se mos-

trem necessários, pode-se esperar que o melhoramento das vias públicas se faça dentro das melhores condições possíveis para os interessados. A pavimentação das ruas torna-se viável e bastante conveniente, como é fácil demonstrar.

De fato, supondo o asfalto a um preço da ordem de Cr\$ 40,00 por metro quadrado, o custo que incidirá sobre um lote-padrão de 10 x 30 m será de aproximadamente Cr\$ 1.500,00. Se houver outros serviços, tais como o remanejamento da rede de águas, ou a colocação de guias, esse orçamento sobe um pouco. De qualquer forma, não é um valor alto, em face da melhoria obtida com a pavimentação da rua. A própria valorização da propriedade cobre de longe tal investimento. Com o financiamento bancário a 24 meses, a prestação mensal seria de Cr\$ 90,00, o que parece bastante razoável e fácil de ser suportada pela grande maioria dos interessados.

Um detalhe não pode ser esquecido: o imposto territorial e predial urbano, já tão pesado, sofre majoração no caso de rua calçada. Isso não poderia ser aplicado, de forma nenhuma, nesses casos de pavimentação por conta dos proprietários. Durante um prazo razoável, digamos de três anos, a avaliação deve permanecer dentro do critério anterior de rua sem calçamento, para não criar mais encargos para o contribuinte, já onerado com os custos da pavimentação.

Uma coisa é certa: o plano de pavimentar as ruas dos bairros é de grande interesse da população. Os defeitos existentes em sua aplicação devem ser corrigidos, para que ele se enquadre no princípio de máxima conveniência para a coletividade.

Francisco de Assis Oliva

"UM PAINEL"

Constituído por elementos de filiação partidária múltipla e de formação educacional variada, não cogitando da difusão de noticiário cotidiano, seria melhor definido como um painel que às segundas-feiras publica uma coletânea de observações, estudos, análises e opiniões.

É uma tentativa para descrever e estudar uma seqüência de acontecimentos com a finalidade de evitar ou de favorecer situações determinadas, que na opinião dos colaboradores possam prejudicar ou beneficiar a comunidade.

É fundamentalmente um painel de opiniões.

Pode ser utilizado como meio de acentuar a necessidade de solução de problemas atuais ou futuros.

Levanta a análise de teses das quais a comunidade, diretamente afetada, não tem conhecimento.

É um recurso à formulação de idéias e de pensamentos, e de expô-los à análise e ao julgamento, para que a comunidade possa optar, sem perder por desinformação a capacidade de julgar por si.

É útil para despertar a atenção e o pensamento sobre as faixas de variadas possibilidades a que uma direttriz pode conduzir uma comunidade e despertar a curiosidade da avaliação de consequências futuras.

Pela diversidade de opiniões, ajuda a esclarecer a interação de fatores econômicos, sociais, políticos e culturais, inclusive a participação individual de personalidades políticas, que podem influir de maneira que as suas abstrações substituem na mente popular o sentido de seus reais anseios e necessidades.

Pode pela simplificação e apresentação de certos princípios e problemas, até então ignorados ou pertencentes a rotinas, despertar a curiosidade, o debate e a conscientização, a participação efetiva de muitos em questões que pertenciam a círculos fechados.

O painel tem como finalidade trazer a grande maioria ao debate, despertar a curiosidade no funcionamento e nas consequências, pedir a participação na procura de soluções para injunções presentes ou futuras.

Serve como apelo, colaboração para o acompanhamento e o estudo dos atos e de suas repercussões, enfim, apresenta o quadro das condições atuais, e procura apresentar as consequências e o impacto futuro que linhas políticas de administração poderão trazer à cidade e seus habitantes.

Alberto Traldi.

ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL

- FOMOS SORTEADOS -

Temos quase certeza de que algum dia, em algum lugar, foi efetuado um sorteio para escolher um município destinado a sofrer.

Melhor dizendo: colocaram num saco, ou numa esfera, dessas enormes de conhecido animador de televisão, tantas bolinhas quantas cidades temos no Estado, e sentenciaram: o que sair, se azarou. E não deu outra coisa, deu Jundiá.

Essa idéia nos vem à cabeça quando viajamos para outras cidades. Qual quer uma, a começar das próximas, como Campo Limpo, por exemplo.

Está claro que há outras mais para um lado ou para o outro, mas, como a nossa, não. É dose cavalgar, um pouquinho muito, como diz o nosso caboclo.

Instalou-se o nosso Governo municipal sem qualquer programa de administração.

Antes de mais nada, como somente havia um vazio, tratou-se de criar as Secretarias municipais, as quais não chegamos a entender desnecessárias. Achamos que houve precipitação e correção ao pote

e não se realizaram os estudos indispensáveis, entre os — uma reestruturação no quadro do funcionalismo. Não se pode colocar mais dúzia de caciques, sem o conhecimento de quantos membros existem na tribo, quantos chefes, subchefes etc. etc., coisas de primeiro ano de administração pública.

Como que para aproveitar a inexperiência dos senhores vereadores que estavam assumindo, foi tanto o acodamento que o projeto foi aprovado com falhas e precisou ser re- n. — uma sessão logo em seguida.

Para que tanta pressa? A Prefeitura tinha diretorias, com cargos comissionados e funcionando. O correto seria prover os cargos de confiança e iniciar os estudos.

Se a organização municipal estivesse a merecer reparos, como saber, sem o devido exame no quadro do pessoal. Nada disso. O interesse era criar secretarias e pronto. Sem planos, sem programas, sem nada.

Tanto foi assim que, depois de criadas, com os titulares em padrões dos mais elevados na escala alfabética, é que verificaram que não se dizia em cruzeiros quanto um secretário iria ganhar. Mas como? perguntaram imediatamente: estamos letra Z, mas quanto vale isso?

Da mesma forma, não se fez um estudo para o conhecimento do custo do projeto, uma vez que é sabido foi necessário partir do pico da pirâmide para baixo, completando os escalões e estes custam

muito. Criaram-se as secretarias e deixaram as diretorias, que no entender deles eram obsoletas.

A verdade é que para o cidadão aqui de fora a transparência da coisa foi o interesse imediato de demonstrar ares de grandeza num governo que estruturadamente se apresentava pequeno para começar.

Quem sabe assim com secretários e um enorme quadro de pessoal, poder-se-ia dar a idéia desde logo, de alto gabarito.

Acontece que nem tudo que reluz é ouro e a composição do Secretariado com pessoas inteiramente desvinculadas dos problemas municipais, tinha que apresentar mais falhas que acertos. Interessante ainda antes que passe a oportunidade, é somar a tudo isto o solene pontapé dado em nossa Jundiá que possuindo uma Faculdade de Economia e

Administração e muitos valores de indiscutível capacidade, ficou cabisbaixa e envergonhada.

Com um arcabouço montado num tripé de duas varetas, com Secretaria quais balões de ar, chegou-se ao cúmulo de precisar contratar uma firma para projetar o orçamento que quase não saiu a tempo.

O que realizaram os técnicos e especialistas da Secretaria?

Gastou-se um milhão de cruzeiros para uma empresa que também não entendia nada do assunto e contratou um técnico para verificar quanto Jundiá poderia ficar devendo. Essa história não é estória e um dia merecerá ser contada com detalhes.

Pois bem, essa enormidade de gastos, com mais e mais cargos, está claro, exigiria esquentar a cuca para arranjar dinheiro. E não foi tão difícil assim. Jundiá, uma terra de grandes proprietários, oferecia campo fértil para melhorar a arrecadação.

Se a medida adotada para arrancar o couro dos jundienses foi certa e se na realidade só os ricos estão pagando, não somos nós que vamos dizer. Deixamos para os contribuintes dos impostos e taxas municipais, que vão ao banco dez vezes por ano, em cujas filas, não podendo fazer outra coisa conversam sobre o prato do dia: o prefeito municipal. Virgílio Torricelli

O PROBLEMA DA ÁGUA E A AÇÃO DOS PREFEITOS

Lemos, na manhã de 27 de julho último, nos outros jornais da cidade, certas declarações do prefeito, relativas às tão decantadas quanto mirabolantes obras de saneamento básico, às quais, para que o povo se interesse da verdade, fazem-se necessários alguns reparos.

Diz Ss., ao referir-se à precariedade do volume de água que entra na rede do abastecimento público, que até agosto do ano que vem entregará concluído o serviço no setor de água e esgoto. Oxalá o faça. Conhecido como é em matéria de prosopopéia, a filáucia e o egocentrismo com que alardeia os seus "feitos", por si só, não teriam dado ensejo a estas linhas.

Há que se acreditar que alguma coisa ainda venha a ser realizada, se considerado o escorchantes ônus tributário que vem asfixiando a economia dos contribuintes. A não ser que toda a arrecadação municipal vá destinar-se aos bródios do restaurante, aos panfletos coloridos, às secretarias ociosas e à voracidade insaciável da Gutierrez.

O que nos induz a este reparo é o dever de açaimar as subjetividades do alcaide, quando tenta atingir depreciativamente aqueles que o antecederam à testa dos públicos negócios da

Prefeitura para enfeitar-se com penas de pavão.

Arenga ele, com petulância, que o problema da água do Atibaia está "sendo resolvido mesmo" é por sua administração. Que ele, e só ele, está "empenhado em dotar Jundiá dessa estrutura administrativa".

Com essas algarávias, deixou para as calendas toda a história relacionada com a água em nossa terra, para que só o seu eu aparecesse.

Totalmente alheio aos fatos jundienses, enterra o passado e com ele a memória de um Olavo Guimarães e de todos seus antecessores, que, com muito esforço e pouco dinheiro, canalizaram os mananciais da Serra do Japi; de um Manoel Aníbal Marcondes, a cujo trabalho se deve a estação de tratamento e os reservatórios da Vila Leme; de um Manoel de Castilho, buscando reforço no Córrego do Moisés; de um Vasco Venchiarutti, construindo a represa da Chácara das Flores; e, finalmente, de Walmor Barbosa Martins, a quem deveu, em parte, a sua eleição, que iniciou as obras de captação de águas do rio Atibaia.

Para que melhor pudesse a opinião pública ser esclarecida, e a fim de que ela não venha a

ser ilaqueada com panfletos enganapadores, foi ouvido esse último prefeito.

Disse Walmor:

"Água — 1969 marcou o início de uma ação administrativa visando à solução do velho e angustiante problema da falta de água. 1970 marca o reinício das obras. Com o Fomento Estadual de Saneamento Básico foi criado convênio no valor de 31 bilhões de cruzeiros antigos para trazer a água do Atibaia. Água para o centro, para os bairros e para as vilas ainda não servidas. Cerca de 1.000 litros por segundo, exatamente o dobro do que possuíamos no manancial do Jundiá-Mirim. Os acidentes topográficos da região foram vencidos, e 12,5 km de tubulação foram deixados prontos, ligando Jundiá ao rio Atibaia. Os conjuntos motobombas e casa de máquinas ficaram com o funcionamento previsto para meados de maio de 1973.

"Dos oito reservatórios previstos, os dois maiores estão concluídos: um elevado na rua Capitão Curado, com capacidade para dois milhões de litros e outro subterrâneo com capacidade para 10 milhões de litros no bairro do Anhangabaú. Custo total: Cr\$ 1.600.000,00.

"Os reservatórios remanescentes ficaram pendentes de concorrência pública, mas já com localização definida: três elevados no Jardim do Lago, Vila Comercial e Jardim Tamoió, e três subterrâneos no Jardim Carlos Gomes, Parque Brasília e Distrito Industrial.

"Até 1970 foram construídos 150 km de rede de água. Para se imaginar o impulso que, a partir da implantação do DAE, foi dado ao setor de água, basta dizer que somente em 1972 foram completados nada menos de 100 km de rede. Com isso, ficou garantido o abastecimento de, aproximadamente, 90% da cidade, atingindo os núcleos de Vila Rami, Vila Helena, Vila Jundiainópolis, Vila Pirapora, Jardim Paçaembu, Jardim do Lago, Parque Brasília, Vila Espéria, Vila Mafalda, Vila Cristo Redentor e Vila Maria Geneveva. Já iniciada ficou a rede para a Vila Lacerda, Vila Hortolândia, Jardim Santos Dumont, Vila Suzana, Cidade Jardim, Parque Shangai e Jardim Búfalo, numa extensão de 25 km, representando um investimento de mais de Cr\$ 3.000.000,00.

"ESGOTO: Nesse setor, os números falam mais alto que as palavras. Jundiá passou de

173 km de rede, aos quais somamos 57 km. Projetados e em início de execução ficaram 256 km de esgotos.

"Acho que não devo continuar falando sobre aquilo que deixei projetado e não tive tempo de realizar, mas não tenho pejo de declarar que me orgulho do que pude fazer, principalmente com relação à captação das águas do Atibaia, obra a que me dediquei com carinho e atenção. Paro, pois, por aqui."

Como se pode concluir, a história da água em Jundiá registra uma sequência de episódios que atestam a dedicação e operosidade de uma plêiade de homens infensos à ostentação, mas que se marcam indelévelmente na vida da cidade.

Quanto ao estimável alcaide, faça ele alguma coisa sem rompância nem provocações, para que um dia possa ser incluído na galeria dos abnegados. Pare de gastar altas somas do dinheiro municipal em propaganda inútil de "realizações" que ainda estão por realizar, pois não será desse jeito que conseguirá a promoção de sua imagem junto à nossa escaldada população. Espere, como os outros, que a história o denuncie da forma que souber fazer jus.

Élcio Vargas

EQUIPAMENTOS URBANOS FUTEBOL CLUBE

Fogão, Tite, Pedrão e Nelson Banana; Sapatinho e Girôla; Neco, Lombriga, Batatão, Jurandir Gordinho e Però. Era assim mesmo, escalação velha, um goleiro, três beques, a linha média e cinco atacantes. Nada do quatro-não-sei-quanto de agora. E ali não tinha lugar pra mim. Não tinha mesmo. Eu sempre fui, sou e serei sempre ruim de bola.

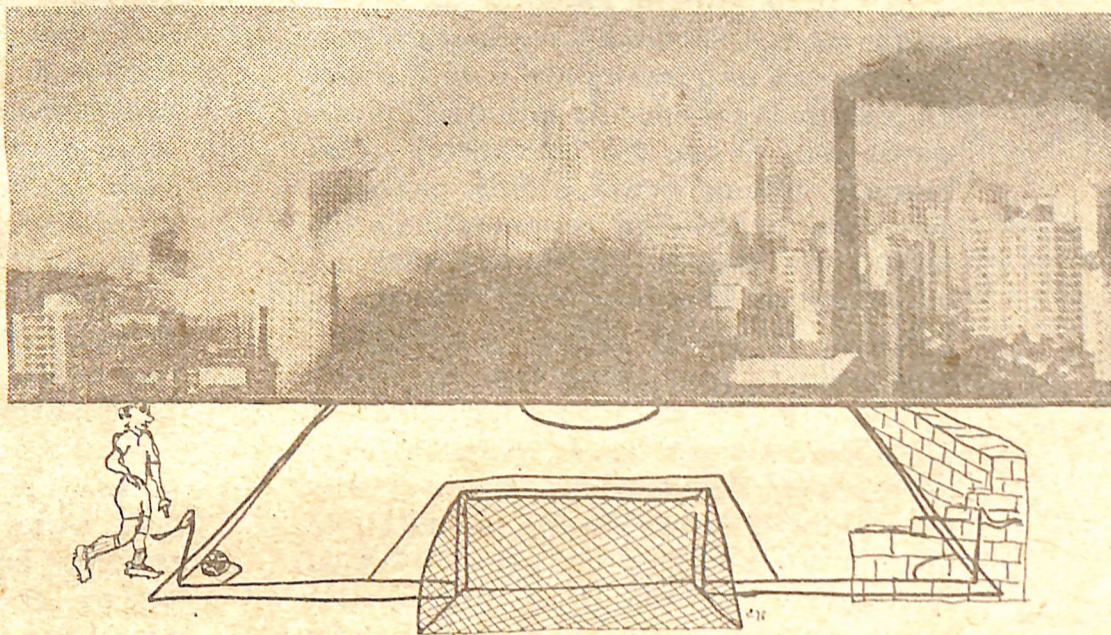
A bola era branca, foi uma das primeiras bolas brancas que apareceram. Pintada com tinta mesmo, para que a pelada pudesse entrar pelo crepúsculo.

E era comprada por um Mecenas, um certo senhor de certa idade, que andava com misteriosos pacotes de dinheiro no bolso, de origem extremamente duvidosa. Ele comprava a bola, e em troca queria chutá-la. Um direito incontestável.

A nossa turma — do Viaduto — jogava contra a outra turma — da cidade — que aliás era identificada por uma combinação substantivo-adjetivo do mais baixo calão.

A gente — e eu digo a gente porque pelo menos me era permitido torcer — ganhava sempre: ou marcava mais gols ou botava os almofoadinhos pra correr, ladeiras acima, com suas luxuosas bicicletas cheias de faróis.

O campo era um terreno grande; no mês seguinte,



te, um pouco menor e daí a alguns meses, poucos metros quadrados de grama cercados de casas por todos os lados.

Os primeiros habitantes que foram cercando o campo não eram grandes apreciadores do esporte bretão. Uma velha matrona gorda, com defeito de dicção, não admitia que a bola caísse no seu quintal. Suas galinhas não suportavam a comoção, tinham problemas psíquicos e cada bola que caía lá significava um ovo a menos. A velha senhora devolvia a bola com um severo ultimatum:

— Fi a fola fair afi, não fô mais.

Cairam cada vez menos bolas, porque havia cada vez menos terrenos, menos

jogadores, menos tempo vazio para preencher, menos ruas, menos crianças, menos bolas, menos infância.

—oOo—

Não se pense que esta é uma litânia pela infância perdida, por aquilo que os poetas chamam de "verdes anos". A nostalgia só rende dividendos em Hollywood e nos departamentos contábeis dos mercados da nostalgia. O passado, geralmente só deixa as imagens mais agradáveis porque é delas que o subconsciente se apossa, grava, fixa, e faz emergir quando quer. As ruínas não têm registro, embora tenham sido vividas com a mesma intensidade, ou talvez com intensidade maior.)

Mas deixemos de divagações.

Os ferrenos foram loteados. Os lotes viraram casas, prédios, fábricas, oficinas. As bolas e as crianças foram expulsas da grama. Fogão queria ir pro Corinthians, mas foi para uma fábrica de tecidos. Deve estar casado, deve ter um bando de filhos, deve ter uma televisão, um Volkswagen, um par de chinelos.

Tite, a besta-fera dos gramados, o beque violento, deve ser um dócil torcedor mecânico, ou ajustador de montagem.

Tiraram os campos das crianças, poluíram seus rios, aterraram as suas lagoas, asfaltaram as ruas onde jogavam biroque, en-

cheram de fios elétricos o céu de seus papagaios, iluminaram suas vielas de esconde-esconde, cimentaram as suas cavernas, censuraram suas mesas de pebolim.

—oOo—

Para os economistas, é só subtrair os indicadores, dividi-los pelos índices, aplicar as proporções geométricas, e a conclusão será que estamos progredindo. Os urbanistas, um pouco mais céticos, clamam contra a falta de equipamentos urbanos adequados. Os administradores abrirão duas ou três concorrências públicas, ou licitações, para derrubar, demolir, construir, retificar, planejar. Os jornalistas dirão que é por isso que se encontram cada vez mais cadáveres em decúbito dorsal. Os ecólogos advertirão profeticamente que a qualidade da vida está se deteriorando. Os sanitaristas dirão que, afinal, segundo os índices da OMS, é inegável que a incidência de moléstias transmissíveis têm mostrado uma promissora curva descendente.

Eu só queria que alguém fosse explicar isso àqueles quatro meninos de camisa amarela, calções e tênis que estavam jogando bola entre os números 46 e 78 da rua da Padroeira, quinta-feira passada às cinco da tarde.

SANDRO VAIA

ESTRADAS MUNICIPAIS - IV

Decididamente, não adianta; mesmo em terra de cego, quem tem um olho é caolho. Por mais que queiramos resolver problemas comunitários, sempre esbarramos no poder decisório de alguém. E quem decide nem sempre tem os dois olhos. Inicialmente — e no início sempre somos jovens — julgamos que "o bom" detém o poder e ele sabe tudo. Agora, na minha velhice — hoje, olhei no espelho; como estou velho, santo Deus! — vejo, na minha cegueira de caboclo, como são caolhos os responsáveis pelo bem-estar comum. A minha comunidade é caipira e carece de liderança. Tirante o Caniato, um ou outro Carbonari, de Marchi, Nini Galvão, quem mais é líder? Sabemo lá! E assim matutando — quem é matuto, matuta — topei c'o Zé Pedro, o conserveiro.

— Quem que você acha que sabe resolvê nossos problemas?

Eu gostaria de falar com todo mundo; tenho tal e tal e tal problema; resolva aí. A voz do Zé me acordou:

— Das estrada? Océ vive co isso na cabeça... Do pontião? Meo gerro, casado co a mais véia, inda piáu, já falava no tal e inda ninguém fêis! Largue mão disso e vá cuidá do seu romantismo!!

Nem prestei tenção no resto. Uma coisa tava bulindo,

bulindo, lá no fundo, vinha vindo, vinha vindo, problemas rurais, reuniões, palestras... como não pensei antes! O Delegado Agrícola! S'eu juntá os dois, o Caniato mais o Deléga?

Vamo mexê... me larguei pras banda da Casa da Lavoura. Lá chegado...

— "Seu" Delegado stá? — Stá (mocinha mais linda! Loirinha de mintira... é vé a Cleópatra, a tal do filme... era loira? Ma vá...). Suba a escada, no fundo do corredor, última sala. (Velho sanhado, pode sê tua neta. Bom, também não pensei por mal... mas até que seria bom...)

— Dotor, dá licença? — Bartimeu!... Pensei que você tivesse morrido!

— Magine! O Senhor, como vai?

— O Senhor vai bem... tá lá no céu!

Pensei que só eu fosse assim. Quando pensando falamos certinho... falando, é um desastre!

— Intão, falo Dotor, você? — Nem dotor eu sou. Sou Engenheiro Agrônomo.

— O senhor já leu o Jornal de Segunda Feira?

— Jornal de Segunda? Já... Foi lá qu'eu li que você tinha morrido...

— Mas lá fala "um Bartimeu"... e não "o Bartimeu".

— É qu'eu conheço só dois.

O único ainda vivo é você. — Que outro o senhor conhece?

— O da Bíblia; do Novo Testamento. Vivia em Jerusalém um cego chamado Bartimeu. Foi o primeiro cego a enxergar, graças ao poder de Jesus. — Jerusalém era uma cidade menor que Jundiaí. O povo vivia sob o jugo de plutocratas e pagava pesados impostos; todo o dinheiro era encaminhado para obras faraônicas. Fosse romanos ou não, os administradores eram sempre megalomaniacos. E no meio do povo pobre, quantando sol na praça, lá estava Bartimeu, filho de Bartime. Só ouvi falar, até hoje, de Bartimeu o cego e de você, que mataram na última edição do pasquim de segunda...

— O senhor está comparando Jerusalém...

Apanhado de surpresa, ele reagiu de pronto, meio assustado:

— Não comparei nada. Apenas contei de onde eu conheço o outro Bartimeu.

Desconversei. Mudei de assunto. O qu'ele achava do jornal?

— É um jornal entre amigos. Como certas rifas. Escrevem-se e lêem-se uns aos outros. Devem até entretecer comentários e elogios. Forante eles, acho que o único que lê o tal jornal sou eu. Confesso que tenho aprendi-

do muito... O que você está escrevendo aí?

— É que isto é uma reportagem. Entrevista.

— Cuidado aí, então.

— Explique aí como é que funciona a numeração das estradas municipais. O tal do "Sistema Viário Municipal".

— Fácil. Antigamente, as estradas municipais tinham nome. Não todas; na realidade, só algumas. Estrada do Black, da roseira, da barreira, pedrosa, do aterrado, dos alemães, da toca, nome que só o Ulysse Martinho, você e eu lembramos. Hoje, as estradas estão codificadas de molde a serem programadas em computador. Com elas foram codificadas todas as propriedades agrícolas do município.

— A estrada do Traviú?

— É a estrada 9. A que vai do Traviú como quem vai para o Poste é a estrada 7...

Deve ser um progresso; mas chato como quê... Não é atoa que a Prefeitura não usô...

— Seu dotô, eu tô escrevendo como posso, sobre as estradas municipais. Tô fazendo um angu... Qué dá uma palavrinha sobre o assunto? Méta sua cuié no mingáu...

— Tenho lido. É meu dever esta palavrinha. As es-

tradas municipais, como estão, são imensos drenos escavados sem planejamento. Podemos dizer que todas as estradas correm para os rios; e estas para as represas. Mal construídas, mal conservadas, as estradas são imensas valas carreando terra, assoreando represas e roubando nosso solo.

Pensei cá comigo: é verdade; mas, como é maçante!

— E, Bartimeu, lute pr'a fazer logo o tal viaduto. Semana passada Macunaima matô você num caminhão; semana que vem você vai morrer a pé na via... Cuidado! Não esqueça que no Santo Antonio não são quatro pistas, como você falou... são cinco... (E eu nem tinha pohnado reparo!)

— Bartimeu; resuma tudo. Publique apenas isto: "A Pátria é o solo; conservá-lo é engrandecê-la", ou então "Estradas mal traçadas empobrecem o solo; solo pobre, homem pobre".

— Mas, dotor, o senhor vai dar uma apedinha nestes problemas?

— Uma apedona; o que você quiser. Arranjei mais um zóio pr'a ajudá os caolhos. Mas, em questão de ditado, eu tenho um melhor: "Mais vale ser rico com saúde do que pobre e tuberculoso". É o que todo mundo qué... né?

O Bartimeu.

MENORES

O problema pela raiz



"Todo mundo reclama da criança na rua, pedindo esmolas, trabalhando em um servicinho à-toa, como engraxate, vendedor de bilhetes", guardinha etc. "Todo dia recebemos reclamações, officios daqui e dali, queixando-se do juizado de menores. Certamente há desses problemas, mas me pergunto: seria conveniente internar as crianças em vez de deixá-las trabalhar, ajudando os pais como isso ou aquilo e deixar as famílias passando fome?"

São palavras do dr. Amorim, juiz de menores da comarca, em palestra proferida no Rotary (junho passado), de que sempre me sirvo neste texto. A elas responde indiretamente o prof. doutor Newton C. Balzan (Jornal de 2.º anterior), com sua autoridade de especialista em Educação:

"O problema reside na péssima solução encontrada por parte de órgãos responsáveis..." "A exemplo de ou-

tras situações semelhantes", (no caso dos vigilantes de automóveis) "estamos diante de uma forma típica de assistencialismo paternalista, que nada resolve e certamente estará contribuindo para formar indivíduos que no futuro apresentarão sérias resistências para assumir trabalho real".

Isto abre um debate sobre o atendimento aos menores carentes, mais do que sobre a instituição dos "vigilantes de automóveis". Em vez de "debate", diríamos melhor contraponto. Embora as vozes se distanciem e contrariem, há uma certa harmonia que relaciona as soluções imediatas (generosamente forçadas em situações precárias) e a crítica (que tem o dever de distanciar-se para a análise).

O Jornal de 2.º introduz outras vozes nesse contraponto, através deste trabalho coordenado pelo prof. Carlos Franchi.

Um fato: a delinquência juvenil aumentou

Começemos pela delinquência "infanto-juvenil". E é de propósito: pois a sociedade só reage, mais ou menos, ao problema dos menores, quando sente, maior ou menor, a agressão a seus valores. Se os menores-problema estivessem nus pelas barrancas de Camanducaia, longe da vista, nas celas ou no SAM, ou mesmo só nas ruas de seus bairros humildes, então... Mas não; invadiram a cidade, as portas dos supermercados, a pintura dos carros novos, os botões das campainhas, jogando pimenta na inconsciência e dando "trombadas" nos bolsos responsáveis. Por isso.

A criminalidade de menores cresceu enormemente. Um "Caso de Segurança Nacional", gritava manchete do Rio. E de fato, as poucas estatísticas, que pudemos consultar, indicam que o número de processos relativos a furtos e roubos praticados por menores aumentou, de 1972 a 1974, sessenta e cinco por cento; as lesões corporais, cinquenta e cinco por cento; a homicídios, quarenta e cinco por cento. Só em roubos, de 1972 a 1973, houve um aumento de cento e quatro por cento na Guanabara e cento e vinte por cento em São Paulo.

Em Jundiaí, o Juizado de Menores atendeu, em 1974 a

800 ocorrências (aproximadamente), numa média de 2,5 casos por dia. Somente no primeiro semestre deste ano já processou 500, o que permite prever um aumento de vinte por cento em 1975.

Esses percentuais ultrapassam em muito os de crescimento populacional, o que mostra um recrudesimento das causas da criminalidade juvenil. São elas, as principais: o fator sócio-econômico ("pobre não devia ter filho" — diz o dr. José); o crescimento demográfico, situando-se as famílias mais proflúas na classe mais humilde ("Esterilização" — opinou outro circunspecto cidadão); o movimento migratório do

Interior para as cidades industriais ("Por que São Paulo não põe cerca nas fronteiras?"); urbanização rápida e desordenada; escolas públicas com horários inadequados e sem capacidade de abrigar a criança fora do horário escolar ("Não ponha isso que as professoras primárias te matam")... E atitude de acomodação da comunidade, como podem ver pelos ditos entre parêntesis, todos anotados pelo repórter como sugestões de cidadãos prestantes.

"SENHORES! ACUDAM-NOS!"

Para o dr. juiz de Menores de Jundiaí, a "incidência da criminalidade está na faixa dos 18 aos 25 anos, o que revela a falta de atendimento ao menor na fase mais importante da sua formação". Mas o que é pior: segundo o dr. Fawler de Melo, da FUNABEM, sessenta por cento dos que cumprem pena nas penitenciárias do Estado de São Paulo, tem passagem pelo Juizado de Menores, o que revela, também, que este não está aparelhado para se contrapor ao problema.

A conversa com comissários e funcionários do Juizado, em Jundiaí, não é animadora:

"A gente aqui não pode fazer nada, E' só paliativos".

"Faz seis anos que estou aqui. Dá até desespero. Não mudou nada".

"Mudou sim. Piorou muito".

"Devia ter uma lei contra os pais, um bando de irresponsáveis que engravida a mulher, bota filho no mundo e nem sabe pra quê".

O dr. juiz de Menores explica: "Enquanto para os adultos há um esquema montado, na Polícia, na Justiça, enfim com homens e máquinas, na parte do menor não se conta com nada. Conta-se com o juiz que acumula todos os serviços, um promotor que também acumula outras obrigações, alguns comissários de boa vontade que trabalham de graça".

Já em 1938, o desembargador Vicente Piragibe, dizia que "o juiz de Menores é um verdadeiro mendigo, que não se limita a pedir móveis

usados, mas vive às portas dos asilos particulares a fim de conseguir internações". E em 1975 estava o nosso juiz de Menores diante do Rotary, pedindo a "colaboração da comunidade, para suprir as deficiências do Estado no campo assistencial, no campo social e no campo educacional". O mesmo pedinte heróico, como o dr. Piragibe em 1938. Desenvolvimento!

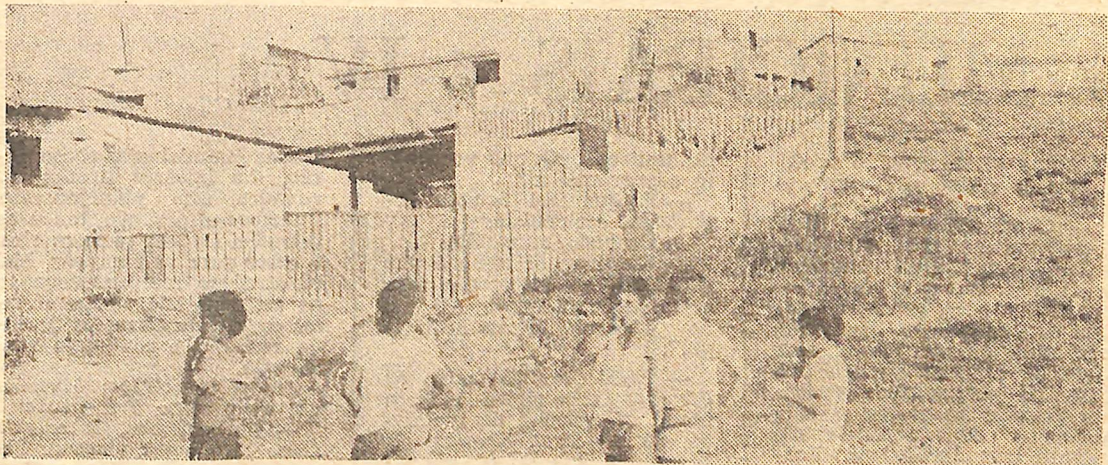
Por isso, o juiz de Menores da Guanabara apelava, em discurso do ano passado: "Senhores, acudam-nos! O Juizado tem sobrevivido por milagre, mas não sabemos por quanto tempo!"

—ooo—

ELES TEM, PELO MENOS, O DIREITO DE SOBREVIVER

Devem ter notado que 50 a 60% dos crimes praticados pelos menores são contra o patrimônio. O sr. Alirio Cavalieri (juiz de Menores na Guanabara) acrescenta (Globo — 3-2-1975) que entre tais crimes e as pessoas que os praticam existe uma relação: "E", em geral, um menino de dezesseis anos, não estuda, não trabalha, mora em favela. E' o "menor de rua". "Esse menino vai defender seu pão, seu café, seu almoço, custe o que custar!". Ou como bem lembra D. Maria Celeste, da FEBEM, do Rio: "São os que andam perambulando pelas ruas e praças da cidade. Pivetes? Quem sabe se não estão fazendo um esforço hercúleo para sobreviver?"

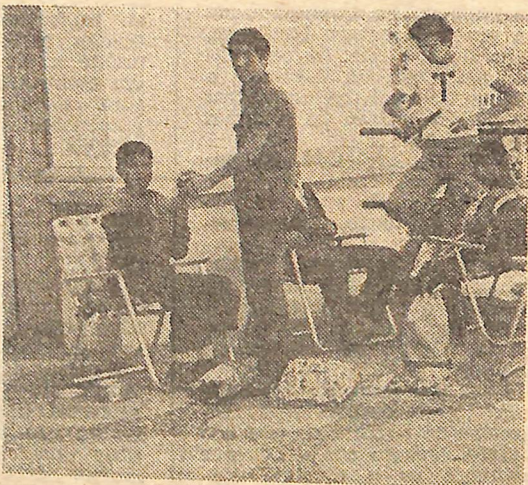
Pois então, a solução de pelo menos 60% dos casos é "fácil". Eliminar o problema do "menor de rua". Tirar o menor da rua. Mas a repressão ainda é o meio mais usado. Diariamente são detidos em São Paulo 30 ou 40 meninos, o que faz uma média mensal de 1.150 menores (900 no Rio). Sem qualquer condição de um tratamento diferenciado ou de uma vigilância posterior. Aqui em Jundiaí, a proporção não é inferior. E somente agora o dr. juiz de Menores esforça-se por criar, em Várzea Paulista, "uma casa de recolhimento provisório de menores, a fim de evitar a necessidade imperiosa de recolhê-los na cadeia".



O menor no bairro: uma recreação discutível. É a formação?



Certo ou errado, ele tem que comer. Por conta de quem a refeição?



O menor no centro: uma atividade discutível. E a recreação?

UM CASTIGO, DE VEZ EM QUANDO



De vez em quando, o jeito é deixá-los de castigo ou mesmo dar-lhes uns croques ou carolos no cocoruto. Foi assim, por esses dias, no comissariado. Passamos por lá. E no canto, virados para a parede, um grupo sujo e rasgado de sete ou oito garotos, tirados da rua, das portas do Jumbo, onde disputavam com os guardinhas a boa paga: "tá tudo em ordem, seu moço". Não tinham os olhos tristes, nem humilhados. Sem romantismo, seus olhos eram habituais, dissimulados. Se baixavam a cabeça e escondiam a cara quando interrogados (o comissário pedindo "olhe o moço") era a mesma atitude submissa e disfarçada de quem já compreendeu o protocolo dos adultos: nossas excelentes lições de hipocrisia.

Um guardinha me explicava: "Essa turma é de penetra... Não, a gente num deda. Quando dá briga e eles não fazem nada, só perturba e vem pegar o dinheiro, aí o homem-aí dá um carreirão neles".

Um dos moleques do grupo, oito anos, vem de Campo Limpo. Belisca um pão por aí. Ou faz como o companheiro Cláudio (nome falso):

— Já. Já roubei... um frango, ... fruta, ... chocolate. Mas por que diacho havia de roubar um chocolate?



Assistên cia: solução?

O dr. Amorim justifica: "Foi exatamente porque nas ruas havia muitos menores, que perambulavam pedindo esmolas, fazendo arruaças, dando muito trabalho para nós do Juizado de Menores", que se optou pela formação do corpo de "vigilantes de automóveis". "Seria conveniente internar essas crianças...?"

Todos sabem que não. Além dos conhecidos prejuízos à formação das crianças nesse regime, da falta de recursos das instituições para atender a objetivos mais claros e amplos, estas instituições sofrem as limitações da falta de vagas (722 em Jundiaí, todas lotadas) e estabelecem restrições de faixa etária, de condições familiares, e outras.

"Não atendem, por exemplo, menores de idade superior a 12 anos" e "o problema mais sério do menor é o tratamento depois dessa idade, quando há necessidade de formação profissional". Saem "sem profissão, sem coisa alguma" — mostra o dr. Juiz. Então é melhor "deixá-los trabalhar", inclusive para que as famílias "não passem fome".

De fato, o salário dos vigilantes acaba sendo maior, às vezes, do que o do próprio pai. De Cr\$ 600,00 a Cr\$ 750,00 por mês. "Dinheiro vivo" — como diz um pai. Num bom ponto, repartido segundo escala, "dá pra levar pra casa uns vinte e cinco" por dia, já descontado o das coxinhas, do café, dos pastéis, e até sorvete.

São todos de famílias numerosas (de 5 filhos até 16 filhos, com muitas de sete, oito...) com rendimentos familiares que vão de Cr\$ 1.500,00 a Cr\$ 2.000,00. Alimmente, eduque um filho com isso. Podem ver o que representa a gorjeta do filho nesse montante. Assim, o Zinho, "ele garante todo mês o pão, o leite e a carne" e não muito, como pode calcular qualquer dona de casa, para o pai, a mãe e seus 15

irmãos! E o Zé, de 13 anos, garante tudo. Ou o Mário, de que o pai, subempregado, dizia — não sem humilhação: "Com doze anos ele aguenta a casa" (seu pai — Cr\$ 640,00 — sua mãe e quatro irmãos).

Por tudo isso, a instituição dos vigilantes começa a mostrar sua fraqueza. O encarregado refere 20 a 25 pedidos por dia de novas inscrições: "Então nós fizemos um livro e vamos anotando os pedidos. De mês em mês a gente riscava os que não voltam e assim mesmo acho que tem lá uns mil pedidos". O efetivo atual é de 90 vigilantes. E não tem vagas. "Ninguém quer sair". E quando se arranja um emprego fixo para algum deles, "o pai pede para ele voltar, porque aqui ele ganha mais e mais fácil".

No fundo, a instituição se baseia no mesmo esforço de solução imediata e provisória das "casas assistenciais", com algumas deficiências a menos (internação, processos relativos de admissão, etc.) e com alguns problemas a mais (como mostrou bem o professor dr. Newton Balzan). O próprio Juiz de Menores reconhece: "Não é coisa ideal para iniciar". "Os menores não estão numa atividade ascendente, numa atividade de cultura", e tem recebido muitas críticas "dos que alegam que a atividade desses menores não dá a eles futuro nenhum", perturbando os motoristas "pedindo dinheiro a eles".

Mas acrescenta: "Já é alguma coisa que se fez", "tiraram-se 60 ou 70 menores de

vadiagem completa" e "que certamente não mereceria críticas". E merece. Crítica (não ataque) que não diminui o crédito desse trabalho imediato dos que tem realmente e sozinho e nas condições, que vimos, todos os problemas nas mãos. Ambas, atuação e crítica, nascem da mesma disponibilidade frente a esses problemas e da sensibilidade adquirida no "trato" efetivo ou na reflexão. Porque temos o direito de lamentar (e a obrigação de imaginar e propor), lamentar que tais meninos estejam ali, aprendendo muito cedo o beabá do expediente fácil, fazendo de conta, suportando o peso de uma profissionalização (sic) precoce, sem preparar-se e dispor-se para um "trabalho real".



"Seria conveniente internar essas crianças?" Uma das indagações do Juiz de Menores, Antonio G. Amorim.

O problema do menor é bem um outro problema

Basta comparar o aumento de criminalidade juvenil a outros aumentos: o aumento das ocorrências de menor abandonado (maior peso nas estatísticas do Juizado), ou o aumento do número de menores subnutridos (110 em 1.000, contra 60 em 1.000 de 1964).

E compará-lo com uma certa criminosa diminuição: a diminuição do salário real do trabalhador, quase sistematicamente, desde 1962.

Uma família, composta de um casal e dois filhos, deve ter (segundo cálculos do DIEESE de São Paulo, de março deste ano, com a correção das taxas confessadas de inflação) uma despesa mínima com a alimentação de Cr\$ 929,87. O que exigiria (consideradas as despesas totais da família, em que a alimentação representa 48,1%) um rendimento familiar mínimo de Cr\$ 1.900,00. Nem se fale de uma família mais numerosa (de 4, 5... 16 filhos). Nem que tais cálculos não consideram a pressão insuportável de uma sociedade de consumo que arrasta os mais humildes a "fáceis e suaves"

prestações mensais, pelas necessidades que cria e impõe.

Como cobrir os "deficits"? Com a profissionalização da mulher, sem o amparo das instituições — sobretudo das instituições escolares, cujo ciclo limitado (até 14 anos, quando até) e períodos limitados (quatro horas diárias, quando quatro) forçam as crianças à rua, ao expediente, ao furto.

Com a profissionalização precoce do menor. Mas que profissionalização?

Nossas escolas não formam para isso e o sistema de formação nas indústrias ou nas escolas técnicas não absorve nem 5% da clientela disponível. (Ao contrário dos menores gritantes indicados neste texto, as estatísticas do Fórum mostram que somente 90 menores obtiveram autorização para o trabalho em 1974 e somente 30 no primeiro semestre deste ano).

Além disso, não há nenhum sistema de proteção às famílias numerosas. Em países de-

envolvidos, na Suíça, na França, por exemplo, uma família numerosa chega a ter cobertos 80% de seus aluguéis, 100% das despesas com farmácia e educação, 80% da alimentação dos escolares nas cantinas, numa escala progressiva, conforme o número de filhos. E pai e mãe trabalham tranquilos porque os menores dispõem de creches e os maiores de 3 anos, de escolas em tempo integral, com alimentação sadia (não merenda) em refeitórios escolares.

Estou para sugerir..

Estávamos para sugerir. O Jornal de Segunda tem espaços e limitações, pelo que nos comprometemos a sugerir em artigo da próxima segunda. Ficam, por enquanto, guardados esses dados e fatos de que nos serviremos. Resta sempre estudar as soluções mais à mão e responder ao apelo do Juiz de Menores por uma colaboração efetiva e ao

apelo do dr. Balzan por um esforço maior de imaginação criadora.

Esperamos que tomem esta reportagem-estudo nas suas reais condições: trabalho de amador, com dificuldade de acesso imediato a dados mais dignos de confiança: trabalho de colagem que visa mais a provocar a reflexão que a decidir por caminhos.

Nem desejamos, todos os do jornal, que nosso esforço se tome como tentando desvalorizar a dedicação, o trabalho a "todo custo", o "dar-se sem paga" dos que atualmente procuram cobrir as deficiências do Estado e do Sistema no campo social. Não é hora de desestimular, mas de contribuir. (Carlos Franchi)

Um acidente na pista

Era um desses meninos loucos para aprender jornalismo. Por isso, vivia na redação de um jornal — se era em Jundiá. Bem... digamos que a história tinha acontecido na cidade interiorana, com o maior índice de jornalistas per capita. Pérsio — esse era o seu nome — acompanhava os repórteres e estava sempre pronto para ajudar em qualquer serviço na redação.

Um dia, o repórter policial — que também fazia a coluna social, a página de esportes, a página de turismo, os cadernos especiais, a seção de política — precisava de ajuda e pediu a Pérsio:

— Liga para a Delegacia de Polícia e pergunta se houve algum assaltinho, algum crime bom pra manchar. Se tiver, você já pega os dados pra nós.

Os olhos do garoto brilharam. Mais que depressa, ele discou o número e...

— Alô? É da delegacia? Aqui é do jornal... tem alguma coisa aí pra gente?

— Não, négo. Nada, por enquanto.

Pérsio agradeceu, desligou o aparelho e disse animado a seu "chefe":

— Pode ficar tranquilo, não aconteceu nada.

Mas como "ficar tranquilo", se o que interessa ao jornal é notícia? Ai, o repórter deu uma tragada no cigarro, ajeitou o palefó e disse, com ar professoral:

— Olha, meu querido, não é assim que se telefona para uma delegacia. Se você vai logo perguntando "tem novidade aí?", é claro que a pessoa do outro lado da linha responde que não. Nem todos têm paciência para ficar passando notícia pelo telefone. Faça o seguinte, meu rapaz: liga agora à Polícia Rodoviária e diz que nós queremos saber os dados do acidente da Anhanguera. Não sabemos se houve acidente na Anhanguera, mas, se houve, ele passa na hora, pensando que estamos por dentro, entendeu?

— Entendi — respondeu Pérsio. — E ligou para a Polícia Rodoviária:

— Alô, Polícia Rodoviária? Boa tarde, aqui é do jornal... nós queremos tomar nota dos dados do acidente de hoje, na Anhanguera. Ah, tá, obrigado assim mesmo. Até logo.

Pérsio desligou o telefone e virou-se desanimado para o repórter:

— Na Anhanguera, nada. Só na estrada de Itatiba...

Evandro

BATA PALMAS

O asfalto vem aí. E vem quente. Então bata palmas, meu amigo, mas bata palmas para você mesmo, porque você é quem vai pagar o milagre do asfaltamento. Dizem os faladores que, antes de você terminar o pagamento, o asfalto já sorveteu. Você, operário da cidade operária, tem carro? Não? Que pena! Mas, mesmo assim, sente no barranco do Jardim Brasil, às margens plácidas da avenida Rego do Mato, coçando o dedão do pé, e bata palmas para os donos dos fuscas e motocas.

Você mora nas vizinhanças da Radial Leste ou da outra? Você sabe quanto custaram até agora aquelas obras monumentais?

Não? Que pena! Então reze para que não chova, caso contrário você será obrigado a bater palmas ao presenciar os rios de lama descendo por todo lado.

Você reduziu a ração de carne e margarina por causa do CAIM? (obser-

vação: CAIM significa "Colossal Aumento de Impostos Municipais") Ficou devendo remédios na farmácia por causa do CAIM? Está com a roupa remendada por causa do CAIM? Sua mulher não pode fazer dentadura por causa do CAIM?

Vai ser despejado de sua hiboca, não pode mais pagar as prestações da TV, do radinho de pilha ou do terreninho, por causa do CAIM? O banco, as lojas, a Eletro, o Jumbo, o armazém, o Liberato, o Carneiro, o alfaiate, a padaria e o açougue cortaram seu crédito por causa do CAIM? Mesmo assim bata palmas, amigo sofredor, porque em compensação, você tem o ronco na torneira, esgoto correndo aberto pela sua rua, fedentina nos rios, lama e poeira na frente de sua tapera, demagógicos impressos coloridos para enfeitar as paredes de sua casa, imundície nos bares e botequins, processos engavetados e buracos por toda parte.

Ainda assim bata palmas, porque o CAIM, do qual você é vítima e contribuinte, talvez deixe de lado uma sobrinha para soltar uns rojões nos dias de inaugurações...

Talvez, nas futuras concorrências, sobre um pouquinho para benefícios públicos que você não precisa pagar.

A avenida Rego do Mato, aberta na região menos povoada, sem comércio ou residências, a região mais pobre da paróquia está absorvendo quase todo o dinheirinho suado que você está pagando, com suas últimas economias, mas, bata palmas, porque do CAIM ainda sairão um dia, uns cruzeiros para pagar retreta na praça e você se divertirá vendo a banda passar. Bata palmas, amigo sofredor, ou, se não estiver de acordo com esta lenga-lenga, não bata carteiros para melhorar seu ganho, basta com a cabeça na parede para acabar com seu sofrimento.

Abel

Coisas de almanaque

S ABE gente, férias forenses, poucas audiências, é a época em que o advogado da província tem a oportunidade de curtir. A propósito, revirando uns velhos baús da Fazenda Malota, com a plena autorização do Dico e do Zé Bento, encontrei um trecho sensacional, ou seja, o Almanaque Bertrand, ano de 1940, aliás o de meu nascimento. Foi uma das coisas que fiz nesse mês de julho que passou.

Referido Almanaque, editado em Lisboa, foi coordenado por Maria Fernandes Costa, com a colaboração obsequiosa, na parte astronômica, do dr. Manuel Antônio Peres Júnior (diretor do Observatório Astronômico de Lisboa), e na parte matemática, do engenheiro M. A. Vassalo e Silva; devidamente devorado e curtido, tendo a impressão de que meus antepassados andavam bem mais lúcidos naquela época do que na de hoje. Apresenta, no final de cada página, uns "ditos" autenticamente portugueses, de estalar a língua, e de uma aplicação incrível e imediata para a cidade de Jundiá.

S ENÃO vejamos: "Sol que muito madruga pouco dura", "O ambicioso porfia e não confia", "Emenda em ti o que te desagrada em mim", "Não se vence um perigo sem outro", "A experiência é a mãe da ciência", "É a intenção que faz a ação", "De Deus nos vem o mal e o bem", "As obras é que mostram o que cada um é", "A prudência nunca erra", "Ao homem ousado a fortuna lhe dá a mão" — incrível, não? "Não deve o cavaleiro andar mais que o cavalo", "Na casa onde há dinheiro deve haver um só caixeiro", "A vida e a confiança só se perde uma vez", "Mais faz quem quer do que quem pode", "O capricho é a energia dos fracos", "Quem perdoa o ruim aumenta a ruindade", "Julgue-se pelas ações, não pelos dobrões", "Pão alheio caro custa", "O sangue se herda e o vício se pega", "O hábito do cachimbo põe a boca torta", "Não estendas as pernas além do cobertor", "Nem o bem é eterno nem o mal duradouro", "Muito vale quem bem manda", "O pretensioso, que a ninguém atende, exige que todos o atendam".

S EMPRE a verdade saiu vencedora", "Quem muitas estacas mete, alguma lhe prende", "O mentir exige memória", "Dura coisa é o sabedor estar sujeito ao ignorante", "A navio roto todos os ventos são contrários", "O pelo muda a raposa, mas o seu natural não despoja", "Não há mau tempo que o tempo não alivie o seu tormento", "A fortuna faz bravura", "Não há mal que o tempo não cure", "Cabeça cheia de cálculos, coração vazio de sentimentos", "Pelas obras se revela a vontade de quem as pratica", "Antes de morder, vê, com atenção, se é pedra ou se é pão", "Arreganha-te, castanha, que amanhã é o teu dia".

Sabe, gente, tem tanta coisa boa nas 384 páginas do Almanaque que, se fôssemos colocá-las todas, precisaríamos da edição dominical do Estadão (chegaremos lá, esperem).

Somente como último dito, gostaria de transcrever o constante às fls. 182: "Quem não responde, concorda."

É isso aí!
Laerte de França
Silveira Ribeiro

Resolvendo os problemas do mundo

Fim de noite. Início, tudo bem.

— Venha o bauru!

Êta frio dos diabos!

— Ô Baiano! Quer me matar entalado? Solta uma Brahma, senão isto não desce.

E tome cerveja. E venha cerveja.

Já agora o papo melhora. Vietnã já ficou pra trás.

E tome cerveja. Bexiga começa a estrilar. Cruzam-se as pernas. O assunto é bom.

E venha cerveja. O prefeito servindo de tema. E a bexiga estrila.

Vira o assunto em homenagem à morena que entra. O cidadão de terno no fim do balcão finge que não percebe. ("Deixa pra lá, que é terreno meu.")

Inundações. Geadas.

"Olha, o presidente deu uma dura na Central." E venha cerveja. E a bexiga estrila. Vamos até lá e voltamos aliviados. Surpreendemos a frase truncada. Ficar fora dessa, isso é que não! Penso, logo existo.

Por que cargas d'água estariam falando do Cunhal? Bom mesmo é o Valery. "Pôxa, quem é esse?"

Última? Última não. A penúltima. Isso, que venha a antepenúltima; depois a gente vê.

As palafitas são as moradias dos Malumete?

E a bexiga volta a estrilar.

Pôxa, mas já?

A linha do jornal está uma droga. Mas as entrelinhas vão bem.

Êta vida! Fui lá e a porta estava fechada. "Vou na rua mesmo que já não aguento mais."

Vem o guarda e eu disfarço.

E tomem teses. "Ê Baiano, quem foi a capacidade que teve a brilhante idéia de fechar o banheiro?"

— Que é isso, chefe? A mulher da limpeza tem que acordar cedo.

"Até aí, tudo bem. Só que vou dar uma de Joãozinho!"

— Espera, espera! Ô Samir, o cara ali está apertado.

— Fala pra ir no das mulheres que a esta altura ninguém repara.

Fora, a manhã começa a chegar.

Rafael Dominguin

Este espaço está reservado para o seu anúncio. Procure-nos. Rua Senador Fonseca, 1.044

REFLEXÃO

Liderança política

Todos os estudiosos e os participantes da ciência e arte de administrar a coisa pública, estão de acordo em admitir que o mundo se apresenta carente de líderes políticos. Raros os países que, na atualidade, possuem líder ou líderes nascidos no seio de seu povo, representando-o e correspondendo aos seus anseios. Causas que expliquem este fenômeno devem existir. São para nós oriundas da omissão dos que realmente deveriam comandar a coisa pública, ou da impossibilidade de sua participação.

Se a ausência do líder se faz sentir em todos os Estados, o fenômeno repete-se quando se analisa as menores células políticas. O nosso propósito é analisar a liderança política de Jundiaí.

De todos os governantes que passaram por nossa cidade, sem qualquer receio podemos dizer que nenhum se interessou na formação de uma elite política. Bem ou mal, segundo as qualidades de cada um, prestaram eles seus serviços ou deserviços à coletividade. Sinta-se que os anos passam, que a Campinas que nos pertencia transforma-se em metrópole e nós continuamos sendo uma cidade provinciana, com usos e costumes antiquados, sem infra-estrutura cultural em sentido lato, com ruas sem calçadas e só para postes, sem zonas arborizadas, sem centro comercial, sem teatro, sem estação rodoviária, etc. etc.

Se alguma coisa boa tem nessa terra, ela foi feita por particulares. A administração sempre foi uma negação. Se a cidade cresce, embora desordenadamente, é por obra do interesse de particulares, porque o Poder Público, que deve orientar, disciplinar e organizar os interesses da comuna, apresenta-se incapaz, desordenado, desorganizado.

Entra prefeito, sai prefeito e os problemas da cidade permanecem. Quando não, crescem. Não há uma sequência administrativa, uma programação a curto, médio e longo prazos. Tudo isto acontece porque Jundiaí não tem liderança política, quer interna, quer externa. O nosso político, pelo menos até hoje, não se interligou com o sucedido e tampouco quis ligar-se com o sucessor.

Não temos dois deputados estaduais e um federal para representar Jundiaí nos escalões superiores. Por que? Porque, respondemos nós, a vaidade, a "dor de cotovelo", constantes do político de Jundiaí, sempre impediu. Não se tente afirmar, que o deputado estadual, filho de Jundiaí, atualmente com assento na Assembléia Legislativa, foi eleito por votos de seus conterrâneos.

E, sintá-se, o prefeito da época do irrompimento do Movimento Revolucionário de 1964, que ficou 5 anos no poder, não fez o seu sucessor. Não aproveitou nenhum de seus colaboradores para difundi-los junto ao povo e torná-lo um possível ocupante do poder. Da mesma forma, seu sucessor, tendo ao lado brilhantes pessoas, a ninguém aproveitou. No final de seu mandato, sem definição, aparentemente pendeu na última hora e produziu o que aí está. O atual ocupante do poder, também não fará o seu sucessor. A desorganização administrativa, as incoerências de comportamento dos srs. políticos em todos os tempos produziu nesta cidade carente de tudo, esta comuna sem comando, num acréscimo de erros, uns sobrepondo-se a outros anteriores.

Nunca se procurou os interesses do município. As vaidades, os apetites particulares sobrepujaram a tudo e a todos.

De certa feita, dissemos a um disputante ao cargo de chefe do Executivo: "Não vislumbramos na sua pessoa um administrador. Sabemos que você sabe fazer política. Embora não consiga fazer uma razoável administração, preste a Jundiaí um grande serviço. Forje uma elite política".

Por certo, pregamos no deserto, porquanto nada foi feito. A cidade continua como antes.

O penúltimo e o antepenúltimo prefeito, ao que indica, disputarão, novamente, a chefia do Executivo municipal, no próximo pleito. Para conseguir os seus objetivos, terão muito trabalho. Quer eles queiram, quer não, as coisas mudaram. O partido da oposição também se apresentará com 3 candidatos e com a pretensão de implantar uma nova fase na vida política desta cidade. Quem ganhará com essa disputa será Jundiaí. Quem sabe, o futuro candidato eleito, seja da ARENA, seja do MDB, despreze suas vaidades, seus caprichos e consiga formar uma elite política para nossa cidade. É imprescindível. Aguardemos.

"O Pensador"



CONSTRUÇÕES RECICLADAS

A notícia chega-nos dos Estados Unidos, através de uma publicação do semanário Time.

Em Salt Lake City, uma pouco atraente garagem de bondes, construída em 1908, abriga agora um florescente centro de diversões.

Em Chicago, uma construção de sete décadas, que teve várias finalidades, tendo sido hospital e armazém, agora é um conhecido restaurante.

Uma grande cervejaria de San Antonio foi transformada em museu de arte. Tais como essas, em muitas outras cidades americanas, velhas construções estão sendo adaptadas a novas utilizações; de acordo com nova terminologia, estão sendo "recicladadas".

Preservacionistas sabem que a melhor forma de conservar marcos arquitetônicos, grandes estruturas que podem nos deli-

ciar a vista e elevar o espírito, é dar-lhes uma utilidade atual.

Diz Ed Noonam, um conhecido preservacionista americano: "É como transformar limão em limonada", pois, como limonada, tenderá a agradar a todos.

Em nossos dias, o interesse econômico da locação tende a acabar com os grandes espaços, os tetos altos, de uma forma geral com ambientes amplos e agradáveis.

Velhas construções, projetadas dentro de um conceito diferente das caixas de vidro e concreto em que se transformaram os prédios de hoje, são "estruturas amigas", como diz Michael Leventhal, do Comitê Nacional de Preservação Histórica, elas "emprestam um sentido histórico de precedência".

Estas notícias nos vêm da América do Norte, onde se intenta preservar a identidade histórica das cidades.

Na nossa cidade, onde os debates sobre a demolição do "Solar do Barão", da conservação do Grupo Escolar "Siqueira de Moraes" e do destino a ser dado a outras velhas construções, permanecem na ordem do dia, talvez pudéssemos nos inspirar naquelas idéias e tentar aplicá-las aqui.

Comissões designadas para estudar cada problema específico, poderiam promover concursos de "reciclagem" que seriam desafios à capacidade técnica e inventiva dos nossos projetistas.

Em tudo isto, quem sairia ganhando seria o povo, que poderia desfrutar de áreas construídas para utilizações das mais variadas e eliminaria focos de degradação social e higiênica em que se transformam as grandes construções abandonadas.

José Augusto P. Paes

A história bem cumprida,
Começo há muito tempo...
Qué qui eu conte? Só um pouquinho?
Pois istoô qui não mi guento...

Tem gente nesse romance,
Qui deu sangue e muito mais,
Por exemplo, um cidadão,
Qui se chama Zé Ferrais.

Vem depois o seu Tormino
Dedicado prá valê,
Dividiu, murtipricô,
Fazendo gaita crecê.

E o seu Vasco, mecê sabe,
Bem mínimo foi prá luta
Foi exempro de Prefeito,
Não qué prosa, só labuta.

Pois fundaro um ospitar
Qui a gente só vê em fita
Foi crisamado e batizado
Ospitar di Santa Rita.

Mas o tempo foi passando
Foi crescendo esta cidade
Santa Rita deu lugar
Prá nossa Faculdade.

Zé Ferrais i seu Tormino
Não penduraro a chutêra
Fizero ôtro ospitar
Com o Vasco na diantêra.

Lá no Jardim Bonfilholi,
Magestoso, impressionante,
Está o novo nosocomo
Levando a cidade avante.

VIVA SANTA RITA!!!

VIVA A,A,A,A,A,

HIP... HIP... HURRAH!!!

Prá funcioná o colosso
Resorvero, concorrência,
Quem dá mais? Quem é mior?
No terreno d'assistência?

Apareceu muita gente
Quagi a cidade entêra
Mais quem ganhô foi o bando
Da descida da Sequêra.

Quiséro desapropriá,
Ospitar já bem prontinho
Comecei vê a coisa preta
Lobisome no caminho...

Mas Justiça é dama cega
Di política num intende
E deu duro em certa gente
Qui só apanhando aprende.

Vô conta prá meceis tudo
Os nome da dotorzada
Não são reis, não são visconde
Mais são moço da pesada.

Meu amigo Ferraguti,
Mais o Américo Barbuuiu
São dotô di grande estirpe
Não tem medo de baruiiu.

O Toledo e o Sandovar,
Serram osso a vida entêra
Quem sofre do coração,
Vai cô Antoninho Perêra.

O tio Célio e o tio Gilberto,
Mais tio Rusúe (trio legal)
Dão quarteto cô Tauáda,
Junto com tio Nembutal.

Chico Hernandez, Sirvio Borge
São campeão di amidalite
Tu qué vê Dugan contente?
Mostre pr'êle o penicite.

Natalino i Malagodi
Fais as criança nacê,
Dorvar Veiga vem depois
Prá ajudá elas crecê.

O Guerrazzi e o Julinho
São dotô do coração
Nicolau i Binidito
Competente é qui eles são.

Os mestre Ferrari i Alêxo,
São campeão do histuri
E compretam essa equipe
Qui é orguiiu di Jundiaí.

Zé Povinho tá contente
Todos canta, todos grita
Já não tem purmão qui guento
Viva o ospitar Santa Rita!!!
(L...)

NINGUÉM FOI RECUSADO

Em detrimento aos atuais movimentos (Mexa-se, Ex-Movimento) de arte nesta cidade, gostaríamos de voltar ao assunto mais uma vez, para nos declarar muito pelo contrário quanto ao dantes afirmado, e dar continuidade ao papo. Por que não um bar em Jundiaí? Por que não um local de reunião em Jundiaí? Digo, das motocicletas, das carangas envenenadas, digo do bozaréu que infesta nossas avenidas, nossos lares, nossas noites, nossas garrafas de scoti, nem sempre importado, digo que essa gente tem que transar uma boa. O fato social anima o homem. O encontro, esta arte da vida, proporciona lampejos de grande prazer, vamo lá, intelectual, espiritual e tudo mais.



nesta cidade, se é pela TV, muito bem, se é pela escola, ótimo, ou se é pelas volumosas edições da Abril e suas maravilhosas quatro rodas, duas rodas, sei lá, fascilos sejam, que existam, que banquem esse jogo de escrever, mas vamos nos entender ao vivo, pô. Se nada acontecer, pelo menos a gente fica logo sabendo como é quem e aprende a gostar de ver gente. Então, no setor artístico, um bem te vale mil vezes mais que qualquer associação, não é mesmo Inos? A casa desse pintor, o Inos Corradin, é o único ponto de encontro existente na cidade, para quem quiser curtir uma de intelectual, saber colocar as coisas no seu devido lugar, saber apreciar histórias de gente, fazer uma vida coerente com o gosto pessoal de cada um pelos sofismas, eternos sofismas do intelecto. Lá, hoje, se vive arte. Bem, é hora de se dizer o que significa isto.

Essa de ser artista. Jundiaenses houveram neste último salão. Cinquenta e seis ao todo. Parece que entraram seis. Mais que dez por cento dos inscri-

tos. Mas essa de estatística não funciona e vejam porque: os mencionados dez por cento foram exatamente os mesmos que, de há muito, os são. Ou seja: usam com propriedade o estigma de ARTISTAS PLÁSTICOS. Isto é um certo distintivo que prefeitura nenhuma deu, mas a própria coragem de afirmar, diante das condocas, tiñas, vizinhos, transeuntes atônitos, circunspectos cavalheiros, diante de todos, e da sociedade em comum, ostentavam tal título. Não consta do novo dicionário brasileiro dos novos ricos, nem da dona heráldica em particular, mas eles o são. Usaram os cabelos compridos, quando era prá usar, instituíram o jeans antes da Argos exportar, têm um baixo teor aquisitivo, próprio da arte e perambulam por aí, em busca de assunto para tratar. Enfim, tomaram uma atitude, pediram mais uma e se deliciaram com o porre enorme que era discernir o mutável, do social, dos mutantes em geral. Vamo lá, quem tem coragem? Mexa-se. A rebor-dosa é um fato.

Eduardo de Souza Filho

Concordamos com todas as seitas existentes. Concordamos que o homem moderno tem muito maior solicitação de tempo, que usa e abusa de sua disponibilidade e faz ele aplicar seu ócio não no lazer, mas no aprendizado ou revigoramento de velhas doutrinas reaplicadas e roupa-novadas, para conquistar seu último domínio, a alma, até aí, tudo bem. Mas ainda tem tempo prá mais coisas. Veja, agora, duvido se você não estiver diante de um aparelho de TV absolutamente ligado em você, te dando informações, roteiros, conselhos, te ensinando mil e uma utilidades. Pois bem, de repente, não mais que de repente, vem um anúncio e diz: "Desligue seu televisor e ligue-se no "Diário de S. Paulo", um jornal vibrante, etc., etc."

Não vamos tão longe assim, em pretensão. Se os "Diários" podem dispensar seu poderio televisionor e esbanjar onde todos os outros procuram concentrar, o problema é deles. Nós apenas sugerimos a criação desses spots sociais, onde se possa transar a ativa, mostrar o jogo, dar um recado de como e aonde aprendemos a viver

O QUE VAI PELOS ARES

A CARMEN DE SEMPRE

A RCA está lançando um LP comemorativo aos 20 anos da morte de Carmen Miranda.

Embora pouco ou nenhum cuidado tenha sido tomado para "limpar" os chiados das antigas matrizes, o disco tem o valor de mostrar a Pequena Notável cantando, inclusive, músicas pouco conhecidas do seu repertório.

É pena que a contracapa deixe um branco a respeito dos conjuntos que acompanham Carmen, quando se sabe que neles estão João da Baiana, Donga, Luiz Americano, Bonfiglio de Oliveira.

De qualquer maneira, é um documento que vale a pena ter em casa.

GARIBALDO, GO HOME!

A badaladíssima série "Vila Sésamo", que há mais de dois anos faz palpar o coração das mães brasileiras que se preocupam com o papel da tevê na formação dos seus pimpolhos, foi proibida na Inglaterra.

Motivo: as autoridades ligadas à Educação consideraram a série uma tuchação de conceitos de vida alheios à realidade e à cultura inglesas.

God save the Queen!

"MOVIMENTO" ESTÁ DANDO

"Movimento" do dia 28 (n.º 4) traz um bom artigo sobre a indústria (?) do material elétrico, no qual revela coisas muito interessantes sobre algumas conhecidíssimas nossas: AEG, Siemens, GE, Brown-Boveri.

Traz, ainda, a aula do general Ednardo D'Avila Mello, no Palácio dos Bandeirantes, para autori-

dades, políticos da Arena e alunos da ADESG ("O democrata é como quem tem apartamento"), quando o empolgado apresentador Fausto Rocha, quebrando o protocolo, usou da palavra e dedurou a imprensa, a universidade, o mundo! Só não terminou cantando "Meu limão, meu limoeiro". Mas, champignon teve.

FORMA & CÔR DE JUNDIAÍ NA TV-2

A TV Cultura exibiu o "tape" feito aqui em Jundiaí, no Salão de Arte Contemporânea (junho passado).

Foi segunda-feira, às 9 e 15 da noite.

Pouca gente deve ter visto, já que a emissora, além de não anunciar, tem pouca audiência no horá-

rio das novelas panacas e do "shows" debilóides.

Foi uma cobertura razoável, com os organizadores falando a verdade sobre a falta de apoio oficial ao Salão, as dificuldades na realização, enfim, a história toda.

Que tal escrever para a emissora e pedir um repeteco "especial" pra Terra da Uva?

TEM GENTE FALANDO NO 13: MEXA-SE!

Novamente o Canal 13 um "show", no último dia 28, segunda-feira, com as entrevistas dos senadores Saturnino Braga (RJ) e Marcos Freire (PE). O programa é "Comunicação", às 11 da noite.

Você estava assistindo "Os Detetives" no 4? Ou era "Amaral Neto, o Vendido"?

Depois não se queixe se as suas orelhas começarem a incomodar, na hora do travesseiro. (E.M.)

Horóscopo

PROFA. ZULEIKA

Aries (21-3- a 20-4)

Distúrbios circulatórios: vai passar uma avenida no meio do teu loteamento. Mesmo assim, não venda, pode ser que a coisa mude.

Touro (21-4 a 20-5)

Um encontro desagradável, embora de muito valor. No semáforo quebrado da Zacarias-Leme da Fonseca, um valioso LTD vai acabar com o teu Fusca. Esteja em dia com os documentos.

Gêmeos (21-5 a 20-6)

Você achará a tua alma irmã e serão felizes, até que um dia casarão

(casarão paga imposto maior, é isso).

Câncer (21-6 a 21-7)

Todos os filhos teus que nascerem entre 21-6 e 21-7 serão de Câncer. O que prova que isso é hereditário, contrariando as reportagens de Hélio Costa para o Fantástico.

Leão (22-7 a 22-8)

Evite viagens. Essas bolhas d'água que você tem nos pés poderão estragar o asfalto, logo na saída da tua casa.

Virgem (23-8 a 22-9)

Você adora inaugurações. Não tenha pressa; no ano que vem, só de postos de saúde, você vai ter milhões.

Balança (23-9 a 22-10)

Bata os pratos, toque o bumbo, cante "Índio quer apito", mas não assine nada. Nada.

Escorpião (23-10 a 21-11)

Até o dia 4, você pode ganhar muito dinheiro. É bom que assim seja; essa tua casa de esquina, esse asfalto, não sei não, não sei não.

Sagitário (22-11 a 21-12)

Boas notícias: sendo você metade cavalo, pode ser que a tua casa seja taxada como cocheira. Caso não seja, bata o pé, teime. Hás de vencer.

Capricórnio (22-12 a 20-1)

Semana muito favorável para a compra de terras. Desperte, Capri, que o progresso está a caminho.

Aquário (21-1 a 19-2)

Uma nuvem cinzenta está parada bem aqui em cima, o que dificulta a leitura dos astros. Guarde a próxima semana. Prometo fazer o possível.

Peixes (20-2 a 20-3)

Você terá que passar a seco, até que as obras asfálticas terminem. Escolha uma tinturaria de confiança. Eta signo azarado, heim, meu lambarizinho!

GRAFOLOGIA

Dadá da Silva — (Vila Joana)

Esse traço curtinho que sublinha o S de Silva indica que você tem tendências para a gagueira, Dadá.

Queridinha 2001 — (Bairro do Retiro).

Sua letrinha indica que você pensa no futuro. Não pense muito, não. Até porque, no seu futuro já vai ser difícil pra mim. Afinal eu não sou mais uma, digamos assim, mocinha.

IBM (Massachussets, — USA).

Nossa, como você é elétrica! E como rebola para escrever! Vocês, iânquis...

N & O

FERROVIÁRIOS

Depois da transferência dos funcionários da Fepasa para São Paulo (sem que as nossas autoridades fizessem alguma coisa para impedir), o meio de transporte deles todos passou a ser ônibus. O trem chega sempre atrasado! O interessante nessa mudança é que a Massaretti, de Itatiba, foi quem se interessou em dar o novo meio de transporte para os nossos ferroviários. Nada de as jundiáenses quererem ajudar os pobres coitados que continuam esperando que venham as suas diárias e atualização de salários. (Picoco)

SE NÃO ME AGACHO!...

Segundo vem informando o D. O. do Estado, a Prefeitura Municipal de São Carlos concedeu um auxílio de Cr\$ 500,00 à Igreja Evangelista Pentecostal "O Brasil para Cristo", sediada naquela localidade.

O Tribunal de Contas desaprovou aquele ato gracioso e determinou a devolução do numerário aos cofres públicos.

Como se sabe, constitucionalmente falando, é proibida a evasão de dinheiro do povo à título de auxílio a culto religioso.

Lembra-se que nos mês transacto, vésperas de convenção, o prefeito Ibis Cruz, através de um projeto de lei, tentou beneficiar, com vários de milhares de cruzeiros, inúmeras agremiações religiosas, em ato eivado de ilegalidade.

Entretanto, a Câmara Municipal, estribada no parecer do seu assessor jurídico, botou em retirada o tal projeto.

Se assim não fosse, a estas horas, como o colega de São Carlos, estaria o nosso prefeito nas malhas do Tribunal de Contas, intimado a repor todo o produto da sua generosidade, ou a exigir dos beneficiários a devolução do dinheiro ilegalmente doado. (Simão)

TICO-TICO NO ASFALTO

Segundo me contaram, o "asfalto quente" é, na verdade, asfalto frio, sem as aspás.

É um tipo de asfalto aplicado à base de emulsão aquosa, e não sob a ação do calor (asfalto comum).

Por isso, não pode ser molhado no momento da aplicação, porque a emulsão ficaria prejudicada, aguada demais.

É mais ou menos como bolo de fubá: se a gente abre o forno pra espíar, o bicho murcha.

Por falar nisso, quanto estará custando o quilo de fubá em Rio Claro? Cartas para a redação. (E.M.)

O PAREDÃO

Tá bom, o Encontro de Artes. Você está virando Jogral, Mobral, Bienal, por aí. Parabéns pelo seu quarto aniversário. Vamos lá, minha gente, força, participem, presenciem, visitem, olhem e vejam.

Marque um encontro com a namorada. Dá pra entender, pra curtir, pra tomar umas e outras, prum bom papo. O Encontro não morde. Mas, depois desta cascata toda, nós, desse abominável hebdô exigimos, para o próximo ano um encontrinho que selecione mais gente da terra, feito só para o pessoal de a terrinha poder depois, de peito aberto, entrar na seleção. O esquema todo mundo sabe, é o velho 4-2-4, retrancado. (E. S. F.)

VENDENDO O PEIXE

Os três primeiros números do *Jornal de 2.a* foram distribuídos gratuitamente nas bancas. Não houve encalhe.

O n.º 4 do *Jornal de 2.a* (como este) foi vendido nas bancas. E teve uma excepcional saída, principalmente se levarmos em conta que se trata de um jornal novo, com pouco tempo para firmar-se no hábito do leitor.

Some a essas informações o fato de um semanário ser, por definição, um jornal de maior vida útil do que o jornal diário (o tipo de matéria publicada admite uma re-leitura, não caduca com a notícia do dia seguinte), junto tudo e você tem um bom veículo de propaganda para as suas mensagens comerciais.

O telefone para publicidade é 4-2759.

O endereço para publicidade é: R. Senador Fonseca, 1044. Mexa-se! Muita gente vai comprar o seu anúncio na próxima 2.a

PERDÃO, LEITORES

Pela segunda vez (em 3, vejam só!) o artigo de Sandro Vaia saiu publicado sem assinatura, num indesculpável desleixo de nossa parte. Afinal, muito jornal pagaria alto para ter o nome do excelente jornalista em suas páginas.

Para sorte nossa, "Gardel, conhaque e Alcorão" (J 2a n.º 2) e "Melê na área" (J 2a n.º 4) trazem o sabor característico e inconfundível do Sandro.

Mas, de qualquer maneira, é imperdoável a nossa distração. Ou seria o nosso deslumbramento?

QUE NINGUÉM NOS OUÇA

Pe-eu pe-a pe-cho pe-que pe-es pe-te pe-jor pe-nal pe-es pe-tá pe-um pe-pou pe-co pe-di pe-fi pe-cil pe-de pe-se pe-ler, pe-a pe-pe pe-sar pe-da pe-no pe-ssa pe-bo pe-a pe-in pe-ten pe-ção. Pe-fa pe-lei? (pe-E. pe-M.)

LUGAR

DE ESTUDANTE É NA ESCOLA?

O presidente do Diretório Acadêmico e mais outro aluno da Faculdade de Psicologia de Itatiba foram expulsos da escola. Motivo: subversão, segundo o diretor da Faculdade.

Os dois alunos, e mais uma centena deles, haviam encaminhado à direção um abaixo-assinado denunciando possíveis irregularidades, tais como: aulas-fantasmas (que não teriam sido dadas), taxas ilegais e propaganda duvidosa, na época dos vestibulares. (E.M.)

SÍLVIO & FANTÁSTICO: ESCONJURO!

Sílvio Caldas terá um quadro, dentro do "Fantástico", que se chamará "Um Prato e Uma Canção".

Cuidado, Caboclinho, ou eles ainda vão te fazer eantar "Serenata" montado num elefante e vestido de Madame Pompadour. (E. M.)

JORNALISTA DÁ DICA DE JORNAL

Fabbio Peres, editor do "Jornal do Meio-Dia", da TV Cultura, disse (off-stage): "Jundiá comporta mais um jornal diário. Terá que ser mais dinâmico, mais moderno, mais profissional do que os que já existem". E concluiu dizendo que conhece gente boa disposta a realizar a proeza, desde que haja empresários interessados. Quem se habilita? (E.M.)

UMA DÚVIDA EM TRÂNSITO

Não sei porque duchas d'água a Comissão Municipal de Trânsito não providenciou ainda um semáforo para a entrada do viaduto "SS Corona". Do jeito que os acidentes estão acontecendo naquele pedaço da Bandeirantes, dá até pra desconfiar que existe algum acordo secreto com os serviços de guincho e oficinas mecânicas da cidade. E a lei que criou o serviço municipal de guinchamento de veículos nem se manifesta. (CFP)

HÁBITO À FORÇA

Não se sabe se por força de acuidade, de hábito ou de hierofância, os parceiros lá da Hortolândia quando trucam em cima do Walmor abrem o peito e mandam brasa: truco prefeito... (G.F.)

CRUZ & CREDO

Walmor reage com veemência quando um cara lhe pergunta se vai reivindicar o posto de sacrifício para descascar o abacaxi que vai ficar da sobra.

— "Não quero mais saber de política. Preciso tratar de minha vida. Nem que eu quisesse, minha mulher não deixa".

E o cara com seus botões: se o burro passar arreado, Heleninha que se cuide... (G.F.)

UM SUCESSÃO DE ASTROS

Coisa engraçada. O Ari, com toda a sua esperteza, acabou ficando mais enrolado que pau de fumo em corda. Vai ter que se contentar com a vice e curtir a mesma sorte do compadre que em cinco anos não foi convidado nem mesmo para tomar café.

Enquanto a Arena se desmilingue em desavenças pessoais, o MDB joga tranquilamente a batalha da sucessão. Ademércio, Protto, Molina, Jairo, Tarcísio, Cid e outros bichos semelhantes formam o selecionado do mandabrasa.

Ali sobra gente e ninguém se importa em ficar no banco dos reservas.

Como dizem os experts do rádio, é uma tranquilidade. (G. F.)

EMINÊNCIA AO MOLHO PARDO

Dizia um cara a outro lá na praça:

Que é que você acha da convenção?

— Mandou o alcaide pendurar as chuteiras...

Será então por isso que a eminência parda já prepara a deserção, deixando escorrer pelo canto da boca aquele sorrizinho brejeiro até bem pouco regateado à corja oposicionista?

O problema dele — dizem os macróbios — é a dúvida, se Ademércio, se Fávoro, com um olho no Walmor, que vem no rastro dos cujos como a tartaruga da fábula. (G.F.)

A IMPORTÂNCIA DO IV ENCONTRO

O IV Encontro de Arte é de grande valia para todos nós. Ninguém pode ou deve contestar isso. Acho mesmo que não há quem queira. Se a administração pública realiza o feito com intenção de passar mel na boca da gente, são outros quinhentos. Isto é que deve ser ponderado. Vamos parar com esse negócio de festas, inaugurações e suntuosidades às vésperas de eleições! Não vem não; desta vez ninguém vai atrapalhar nosso raciocínio. Não vai ser fácil esquecermos esse tempo de agora. Nem o carnaval vai apagar. (Picoco)

DIREITO AO MAGISTÉRIO

Segundo alguns jornais, no próximo concurso de ingresso ao magistério de 2.º grau, será exigida dos candidatos a licenciatura plena de 4 anos. Então como fica a situação dos que estiverem formados em 3 anos pela Faculdade de Ciências e Letras "Padre Anchieta"? Aos interessados, a própria Faculdade informa que o que vale é a carga de horas/aula, e a escola está respondendo ao exigido. Portanto, os ditos, podem dormir tranquilos porque está tudo de acordo com o Conselho Estadual. (A.F.P.)

DENTRO DE 15 DIAS, TUDO COMO ANTES NO QUARTEL DE ABRANTES

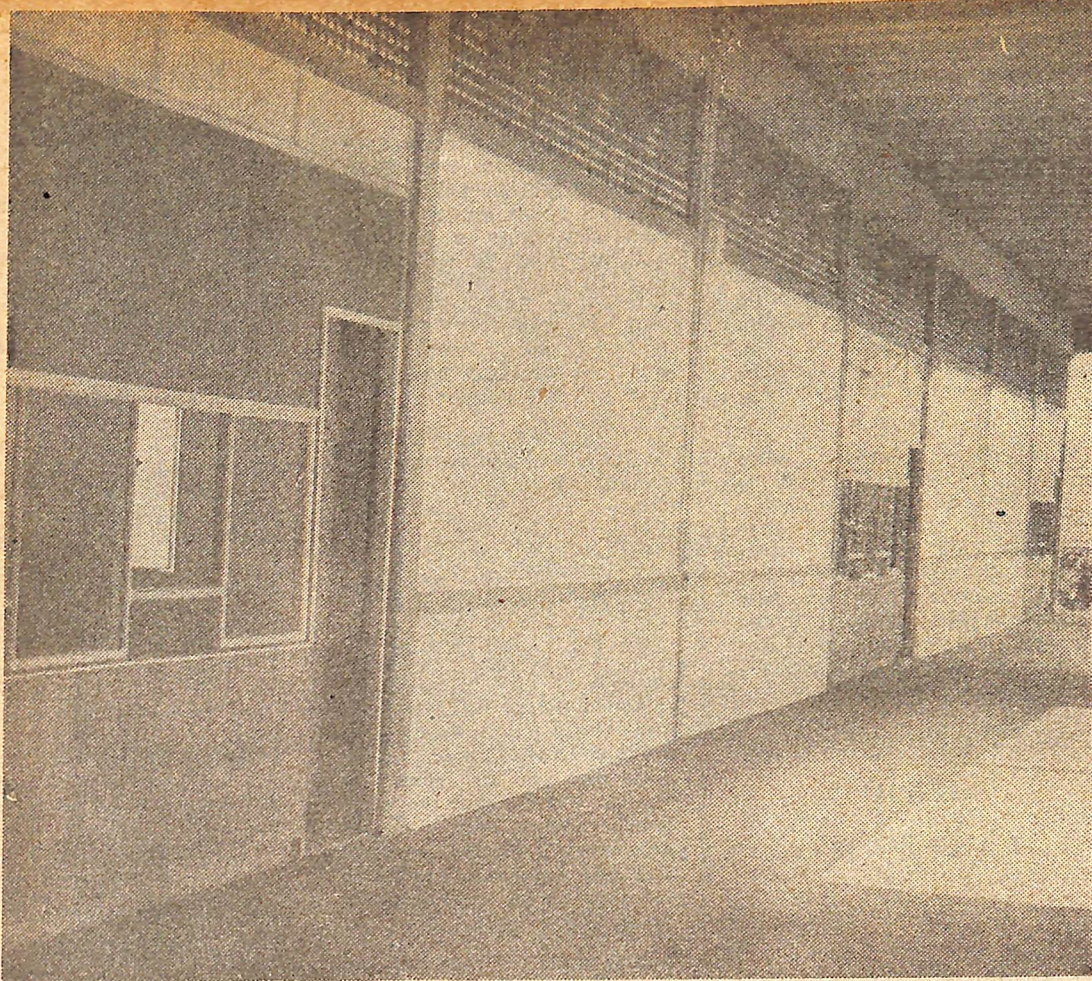
Atenção moradores do Jardim Bonfiglioli, Jardim Messina, Jardim Ana Maria, altos do Anhangabaú, Vila Pirapora, Vila Vigorelli, Vila Progresso e outros pontos da cidade: o DAE comunica que todos vocês vão ter que passar a seco os próximos 15 dias, porque o nosso principal manancial, o rio Jundiá-Mirim, está num nível muito baixo, isto em decorrência da prolongada estiagem, um fato normal nesta época do ano. O DAE avisa também que nesses 15 dias deverá ser concluído o trabalho de reversão do rio Atibaia e então os jundiáenses poderão esquecer todo o drama que viveram nesses últimos anos com os sucessivos cortes no abastecimento de água. Por último, o DAE faz um apelo para que se consuma o menos possível de água (onde ela existir nesse período) para que possa ser vencida sem problemas essa fase.

O recado está dado. E todos devem ter entendido muito bem. O Jundiá-Mirim está baixo como no ano passado, quando já se ouvia falar que dentro de 15 dias tudo estaria bem. Os fabulosos reservatórios para 4, 5 ou 10 milhões de litros também estão secos, apesar de toda a promoção que se quis fazer em cima deles. A cidade logo logo estará às voltas com as enchentes e tudo resolvido. Depois da seca sempre vem uma tempestade. Que cada um se vi-re como puder e hote fé que no fim tudo dará certo. Bo-bagem perguntar para quem.

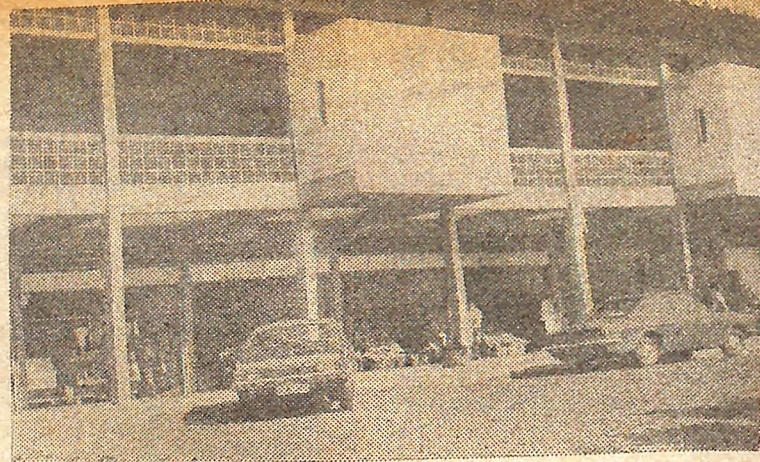
Ah! Ia me esquecendo. Não deixem de pagar em dia a próxima conta de água — com o aumento imposto pela difícil situação da falta água — senão vem multa em cima. E observem bem que 17% sobre Cr\$ 30,00 dá bem mais do que sobre Cr\$ 18,00. — (C.F.P.)

ATÉ O COELHO!

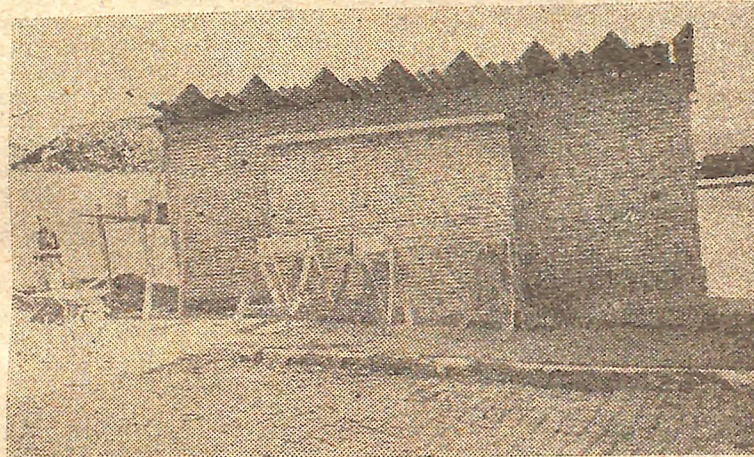
O Coelho, até você? Pô, assim não é possível! Dia a dia (ou seria noite a noite?) a boemia jundiáense perde para o casamento. Bem, já que é você quem quer, que seja feita a vossa vontade, Coelho. Maria Fernanda, planeja aí um alvará semanal para a cervejada costumeira. Um grande abraço aos dois e já estamos esperando um boeminho o mais rápido possível. (Picoco)



Os guichês estão ficando prontos



Os mercadores esperam um movimento maior



Nos fundos, uma demorada obra de alvenaria

UM MERCADO PARA O POSTO MÉDICO DO INPS

Ao que se informa na obra (um conjunto de sanitários), é 15 de agosto a data prevista para a mudança do posto de atendimento médico do INPS para as dependências do Centro Comercial Bandeirantes, a fim de que se possam iniciar, no local onde se encontra atualmente, as esperadas obras da Agência Regional.

Já em novembro do ano passado um dos nossos jornais noticiava a breve mudança do posto médico para o mercado da rua Bandeirantes. Primeiro falou-se em 15 de janeiro, depois em outra data pouco mais adiante. As obras de adaptação do prédio para a nova e imprevista finalidade foram se iniciando somente em março e vão se desenvolvendo em ritmo bastante lento, nem os próprios pedreiros podendo precisar se estarão concluídas até o dia 15 deste mês.

Informa o agente do INPS, sr. Orides Bonganha, que tal data seria ideal para a mudança, considerando que cai numa sexta-feira, feriado municipal. Mas, segundo ele, o adiamento da mudança para o final do mês não implicará em qualquer problema para o início das obras da nova agência,

haja vista que as propostas da concorrência foram abertas no dia 4 de julho e vai demorar ainda cerca de 30 dias até a homologação da firma vencedora pela administração geral do INPS no Rio de Janeiro. No momento essas propostas estão ainda com a comissão incumbida de analisá-las, em São Paulo.

O conjunto de edifícios destinado a abrigar a agência, posto médico e demais dependências do INPS em Jundiaí, vai ocupar uma área de 10.000 m² entre as ruas Rangel Pestana e Barão, devendo seu custo osci-

lar entre 15 e 20 milhões de cruzeiros. O seu primeiro projeto, elaborado pelo arquiteto Roberto Franco Bueno, ficou pronto em 1967, sofrendo, após, uma série de pequenas modificações. Como maior obra já projetada para o INPS em todo o Brasil, em princípio se calculava que iria custar entre 5 e 6 milhões de cruzeiros.

Se bem que tenham sido fatores técnico-burocráticos que retardaram o início da construção, já há dois anos começou a ser uma séria preocupação localizar-se um terreno ou prédio

disponível para abrigar temporariamente (até que a obra se concluisse) o posto de atendimento médico precariamente instalado na rua Barão. A sugestão no sentido de se aproveitar o espaço ocioso (maior parte) do Centro Comercial Bandeirantes para essa finalidade foi apresentada no final de 1974 e ganhou o "referendum" do Executivo Municipal, que se dispôs também a fornecer a mão-de-obra e material necessários à adaptação do prédio.

O posto médico vai situar-se no pavimento superior do mercado,

cujos boxes — de há muito abandonados por seus desiludidos locadores — estão agora sendo transformados em consultórios e guichês de atendimento aos segurados, além da parte administrativa. Na parte dos fundos, onde vem sendo construído o conjunto de sanitários para uso dos segurados, será implantada uma unidade móvel com aproximadamente 10 consultórios.

Os mercadores que resistiram durante mais de dois anos ao fracasso total do movimento, ocupando meia dúzia de boxes no pavimento térreo, onde mais um foi ocupado em maio pelo açougue que funcionava na parte superior, estão esperançosos quanto a uma melhora de sua situação com o funcionamento do Posto. Sonham com o comparecimento diário de muitos milhares de segurados querendo consultas ou atestados, aos quais poderão servir fartamente (frutas, principalmente) para que não passem fome nas filas, como ocorre atualmente no posto da rua Barão, se bem que também ali carritinhos de cachorro-quente, pipocas e amendoins procurem satisfazer, na medida do possível, a fome de cada um.

Quando vão tirar as valetas da rua?

Como resultante da retirada dos obstáculos que freavam a velocidade dos automóveis no trecho fronteiriço ao Quartel da 2.ª Companhia de Comunicações, ficaram uns sulcos irregulares e mais ou menos fundos no calçamento da rua.

Não servem para disciplinar os veículos, nem tampouco, para qualquer fim utilitário.

Nem são mais que incômodos estermos enfeitando aquele quarteirão

bastante movimentado num constante fluxo-refluxo de pedestres.

Faz já algum tempo que o fato ocorreu, sem que os poderes municipais, diretamente implicados na correção do aleijão se abalançassem aos reparos reclamados.

Oportuno, pois, este lembrete à Diretoria de Obras Públicas da Prefeitura, a fim de que mande fechar as valetas, que só estão servindo para denunciar o descaso daqueles a quem compete erradicar os aleijões da via pública.